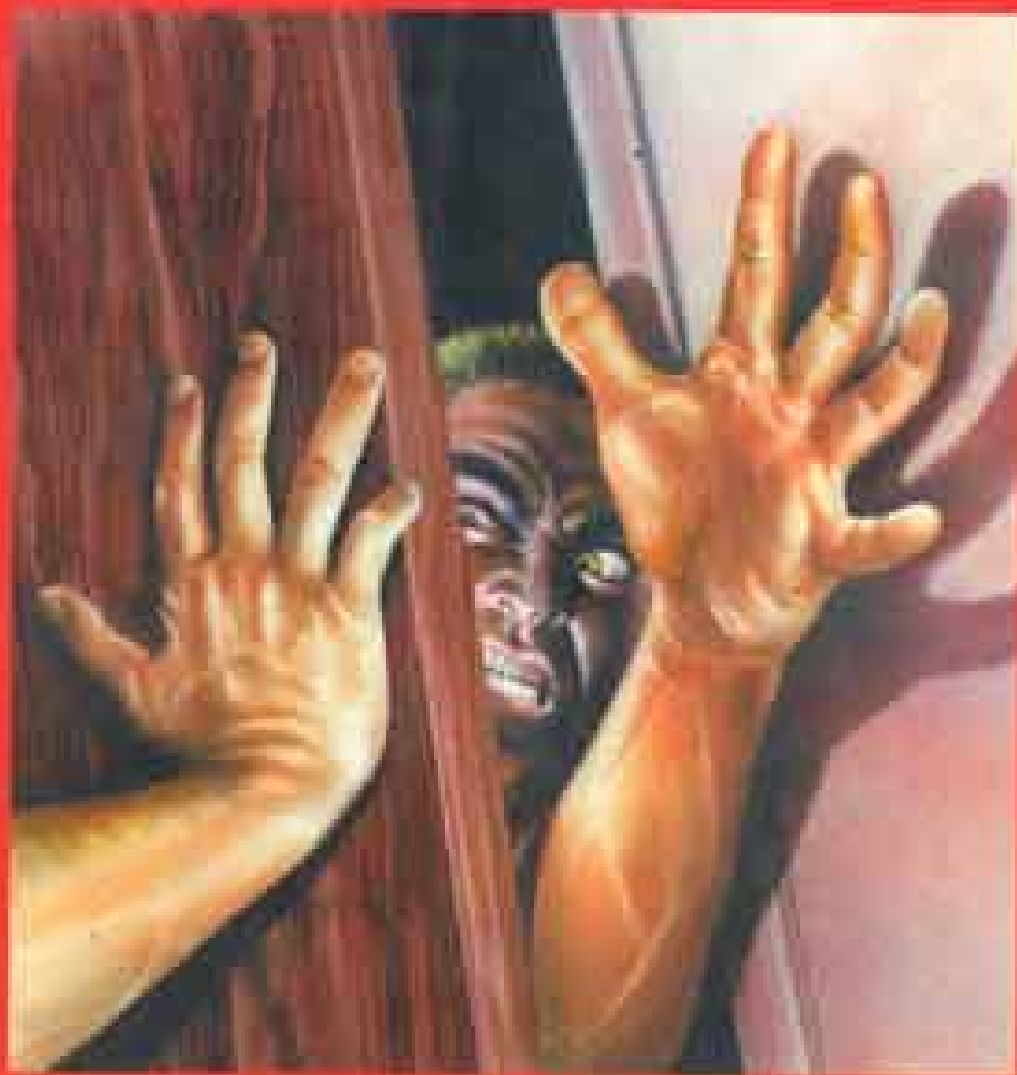


MARCOS REY

O DIABO NO PORTA-MALAS



Marcos Rey

O Diabo No Porta-Malas

Editora Ática, 1ª edição, 1995

Série Vaga-Lume

Editor: Fernando Paixão

Assessora editorial: Carmen Lucia Campos

Preparação dos originais Jussemara Mauricio Varela

Suplemento de trabalho: Laiz Barbosa de Carvalho Cwemer

Editor de Arte: Ari Normanha

Ilustrações: Getúlio Delfim

Digitalização: Clodoaldo Veríssimo de Oliveira

Revisão: Edinaldo Celestino da Silva

Formatação e revisão final: SCS

Índice

Dados Biográficos	4
7300 dias.....	5
A primeira noite de solidão.....	7
O vizinho do lado.....	9
O simpático tagarela	11
O resto da história.....	13
O primeiro passo.....	16
O Dinossauro Azul	18
Uma pista quente entre taças geladas	22
Alguém espreita na madrugada	24
Lembranças que a solidão traz.....	27
Retorno ao Dinossauro Azul.....	30
Mais um enigma noturno	36
Parlatório.....	38
Bom rever Nadia.....	41
Homem-Enciclopédia	43
Cara a cara com Otto Feld: A Fera	47
Na pista da viúva enganada	51
A costureira da TV em Foco.....	53
Adoradores do diabo.....	56
Denis Durant, DD, Ex-Rei do Rock	59
Um anjo da guarda se apresenta	64
Merengue no Dinossauro Azul	66
Frases corroendo o sono como ratos.....	70
Nestor G. Cintra - Advogado.....	72
Madrugada no estacionamento vazio.....	74
DD começa a lembrar	77
Surpresa na tarde.....	80
A agenda e seus personagens.....	83
A noite da decisão.....	85
O que aconteceu no Clube 15	89
O saxofone molhado	92
A verdade diante dos olhos.....	95
A sós na tarde com Ramon	97
Vamos dar um tempo.....	100
Noite de insônia e de revelações.....	102
A morte chega antes.....	104
O fim e novos começos.....	114

Dados Biográficos

Mestre do romance urbano, Marcos Rey fez da cidade de São Paulo o cenário da maioria de suas histórias, como esta que você vai ler.

Seu verdadeiro nome é Edmundo Donato.

Descendente de italianos, nasceu na capital paulista e desde a infância sempre viveu entre livros. Seu pai era gráfico e encadernador e seu irmão mais velho, escritor.

Aos dezesseis anos, Marcos Rey publicou seu primeiro conto e, pouco tempo depois, já estreava no gênero romance.

Autor consagrado pelo público adulto e juvenil, teve várias de suas histórias adaptadas para o cinema e a televisão e alguns de seus livros foram traduzidos para outras línguas.

7300 dias

Mário observou que nada acontecia da forma que o cinema costuma apresentar. Para começar, aquilo não era cenário nem as pessoas atores.

Também não havia, como nos filmes, muita gente no tribunal, assistindo ao julgamento, e faltava aquela tensão que as câmeras, focando ora um personagem ora outro, aproximando imagens, sempre em movimento, sabem criar melhor que a realidade.

Mas o homem sentado, à espera da sentença, era seu pai! Não era filme, reportagem de TV ou pesadelo.

Seu pai! Os jurados haviam voltado ordeiramente para o veredicto. Cinco homens e duas mulheres. Que jeito tinham? Lembravam caras conhecidas. Um deles parecia certo professor de inglês de Mário. Alguém incapaz de sorrir mesmo se o próprio diretor do colégio contasse uma piada. Não via um sujeito assim, frio, votando pela absolvição. Outro estaria lá por acaso, entrara pela porta errada. Um terceiro tinha uma barba enorme e alisava-a com indescritível prazer.

Mário olhou para Nádia, a seu lado. Mesmo pálida, sofrendo, mordendo os lábios, estava bonita. Como era bonita! As outras mulheres, duas, sob seu ângulo visual, eram as juradas. Ambas sem característica alguma. Simplesmente pessoas que sentam ao nosso lado no ônibus. Que sobem conosco no elevador. A única impressão que passavam era a da pressa de voltar para casa. Maridos e filhos esperando por elas. Cumpriam uma penosa obrigação.

Nádia fixou o olhar no advogado de defesa e Mário fez o mesmo. Não se mostrava nada seguro. Fora hesitante o tempo todo, atrapalhava-se com as palavras e perdera-se em argumentos de ordem meramente sentimental que teriam aborrecido a assistência. Chamava-se doutor Nestor G. Cintra, jovem e pouco experiente. Faltara ao pai de Mário dinheiro para contratar um profissional capaz de dar uma reviravolta naquele caso, que diziam perdido desde o primeiro momento.

O réu olhava para o chão, onde teriam desabado suas esperanças. Há muito vinha se sentindo derrotado. Todas suas tentativas de provar inocência foram consideradas inconsistentes. Só o corpo do júri, sensibilizado, poderia salvá-lo. Mas por que estivera reunido por tão pouco tempo? Seria tão breve e unânime o sentimento de piedade que o réu inspirava? Não fora o que a imprensa expressara. Pelo contrário, os jornais sempre o julgaram culpado, culpado, culpado.

Mário procurava nos jurados traços de humanidade que valessem por votos salvadores. Em certas pessoas, mesmo a distância, se pressente

o bom coração que têm, a generosidade à flor da pele. Aqueles sete, porém, pareciam seres de papelão. Pintados, duros, fixos. Rostos que não diziam nada. Que teimavam em não dizer nada.

O juiz, também feito do mesmo material inflexível, leu a sentença no tom empostado e monofônico em que já devia ter lido milhares.

— Por decisão deste tribunal, o réu, Waldomiro T. Macedo, foi condenado a vinte anos de prisão em regime fechado por...

Nádia, sem esperar o final da leitura, levantou-se e correu desarvorada na direção do réu, já seguro pelos guardas. E beijou-o apaixonadamente sob o olhar de um ou outro jurado que deixava a sala.

— São 7300 dias — disse ele numa vã tentativa de amenizar a dramaticidade da situação. — Vou demorar um pouco. — O momento, porém, não era para amenidades. Ficou sério, muito sério. — Não esperem por mim. Vocês têm uma vida toda pela frente. Não se preocupem comigo.

— O senhor é inocente! — bradou Mário, vendo seu pai sendo levado como qualquer bandido. — Inocente! Juro que descobrirei o criminoso. Juro! Um repórter presente sorriu. Aquele rapazinho de 18 anos prometia fazer o que a polícia não conseguira nos quinze meses de inquérito. Se Waldomiro, ou Miro, como o chamavam, era de fato inocente, haviam tido tempo suficiente para prová-lo.

A primeira noite de solidão

Ao descer as escadas do tribunal, acompanhado de Nádía e do advogado, Mário sentiu as pernas pesarem. O drama chegara ao fim e estava tudo perdido. Doutor Nestor, deprimido, também amargava a derrota.

— Fiz o possível, mas tínhamos tudo contra. Aquele achado no porta-malas...

Um repórter aproximou-se, mas o rapaz recusou-se a fazer declarações. Estava revoltado demais. Nádía ofereceu-lhe carona.

— Levo você para casa.

Despediram-se do advogado, que falou qualquer coisa sobre apelar. Valeria a pena com sete votos contra? Nenhum jurado acreditara em Miro. Um placar desses sempre prejudica o resultado de uma apelação.

A viagem foi feita em silêncio. Mário, vendo Nádía dirigir, reconhecia a grande fibra que ela demonstrara naqueles meses todos. Em nenhum momento caíra em desânimo e jamais duvidara da inocência de Miro, enquanto até amigos íntimos acreditaram em sua culpabilidade. Fora doloroso.

Ao estacionar o carro diante do conjunto de edifícios onde Mário morava, ela sorriu, aconselhando:

— Procure se acalmar, Mário. Depois veremos o que fazer. Se precisar de mim para qualquer coisa, telefone.

Mário passou pela portaria e seguiu para o elevador sem olhar para os lados. Seu apartamento era no 13º andar. Abriu-o. A escuridão trouxe-lhe a sensação de vida solitária. Jamais morara só, pois o pai, com uma ficha limpa, conseguira aguardar o julgamento em liberdade.

Acendeu as luzes. Era estranho sentir-se só. Não tinha irmãos nem parentes próximos. Tios do lado materno moravam no Rio Grande do Sul, mal os conhecia. Começou a vagar pelo living como se flutuasse. Acostumar-se-ia à solidão? Parte de sua vida fora bastante alegre, cheia de amigos, no colégio e fora dele, além de algumas namoradas de causar inveja. Até que aquilo aconteceu e também dele começaram a se afastar.

Lá estava à parede, no mesmo lugar desde a infância de Mário, o retrato que ocupara maior espaço em sua vida. Uma mulher jovem, loira, com um boné de marinheiro à cabeça, provavelmente na murada de um navio ou iate, sorria ao sol, esbanjando felicidade e beleza. Era a poetisa Mirian Mirtes, sua mãe, três anos antes de morrer num acidente de automóvel. Agora, ele, sozinho na casa e no mundo, se fixaria ainda mais

naquele retrato, um dos poucos bens que lhe restavam depois da condenação do pai.

Foi para a cozinha. Teria de se virar com as latarias e o micro para se alimentar. Com o pai em liberdade, costumeiramente jantavam fora. Ao olhar a geladeira, Mário quase chorou. O pai pregara à porta um papel manuscrito com uma série de receitas de refeições ligeiras. Parecia ter certeza de que aquela tarde não voltaria para casa.

Com um prato de omelete, Mário voltou ao living e ligou a televisão. Desde o início não perdera os noticiários nos quais às vezes o crime era lembrado. Provavelmente, com a sentença decretada, voltaria à baila. Foi o que viu, em gravação, na segunda garfada.

Seu pai no banco dos réus. Takes da defesa e da acusação. Os jurados, indiferentes. Um flash, em close, com Nádia, a noiva do acusado. A notícia finalizava com a leitura da condenação e a imagem dele, Mário, quando jurara encontrar o verdadeiro autor do assassinato.

— Juro que descobrirei o criminoso! Juro! Minha voz vibrou no tribunal e ecoou em todo o país. Assumi um compromisso, pensou Mário. Mas pareceu-lhe também quixotesco, tratando-se de um rapaz de sua idade.

Com dificuldade, comeu o resto do omelete.

O telefone tocou. Era Nádia.

— Viu o noticiário?

— Vi, sim. Não sabia que eu estava sendo filmado.

— Você deve ter dado um susto no criminoso.

— Não será apenas esse, Nádia. Vou mesmo me jogar nessa procura. Não descansarei enquanto não puser a mão nele. Nada fiz antes por ser menor de idade e porque havia esperança de que papai escapasse.

— Gostaria de ajudá-lo.

— Você tem muito trabalho na agência de publicidade. Deixe pra mim.

— Como vai começar?

— Não sei ainda.

— Se tiver alguma idéia...

— Boa noite, Nádia. Sabe o que vou fazer? Reler o livro de versos de minha mãe.

— Eu já li. É lindo. Tchau, Mário.

O rapaz retirou o livro da estante, mas não se sentou para lê-lo. Tocaram a campainha.

O vizinho do lado

Era Roque Elias, o vizinho do lado, quem mais demonstrara solidariedade a Miro desde que se estabelecera a acusação. Enquanto amigos considerados do peito se afastavam, evitando-o como a um pestilento, fingindo não vê-lo mesmo cara a cara, aquele desconhecido, aparentemente grosseirão, de quase dois metros de altura, um troglodita sempre vestindo blue jeans, quase invadiu o apartamento para proclamar sua certeza da inocência de Miro, cujo relacionamento não passava de breves encontros na garagem do edifício. Foi a simples publicação do retrato do acusado nos jornais, com aquelas manchetes horríveis, que provocou a explosão de afetividade.

— Como ele é chato! — Nádía comentava freqüentemente.

— Um superchato, chatíssimo, chatérrimo, dá-lhe superlativo. Mas é um bom camarada. Até o zelador já não me cumprimenta. Ele, que é um conhecido recente, aproximou-se, ofereceu ajuda e até perguntou se preciso de dinheiro. O que devo pensar dum sujeito assim? — Que é uma ótima pessoa. Mas gente boa também é chata ou não é? Já não agüento ouvi-lo contar suas caçadas.

Miro e Nádía riam. Era do que ainda conseguiam rir.

— Entre, seu Elias — ordenou Mário.

O homem deu uns passos arrastados. Tinha os olhos vermelhos.

— Desculpe não ter ido ao júri.

— Não podia fechar a sua loja.

— Sou muito emotivo. Se fosse, poderia agredir o juiz. Soube da condenação pela TV.

— Vinte anos.

— Que pretende fazer, rapaz? Continuar morando aqui?

— Por algum tempo ao menos.

— Cuide de seu futuro — ele aconselhou. — A vida anda difícil.

— Meu futuro será uma coisa só: descobrir o verdadeiro criminoso, seu Elias — rebateu o rapaz, querendo mostrar que já não era um garoto necessitado de orientação. — Meu pai é inocente.

— Mas a própria polícia não descobriu coisa alguma, Mário.

— A polícia partiu do princípio que meu pai era o culpado. Não investigou nada.

— Tem alguma pista provável?

Mário não quis confessar que teria de partir do zero.

— Estou tentando concentrar-me numa.

— Sim?

— Coisa vaga, por enquanto.

— Você é um bom filho. Rapazes assim são raros. Se precisar de mim é só me chamar. Quase não saio.

— Obrigado, seu Elias. Papai é muito agradecido ao senhor.

— Boa noite.

Além de grato pela solidariedade no caso do crime, Miro tinha muita pena daquele homenzarrão solitário, devido a um cochicho que circulara no edifício. Vivera algum tempo com uma mulher muito mais jovem que não tardou a conhecer outro, certamente mais charmoso, e o abandonou. Mas Elias jamais aludia essa história, que Miro e Mário fingiam ignorar.

Mário sentou-se diante de uma escrivaninha com papel e caneta. Precisava esboçar algum plano de ação. Qualquer coisa que tivesse alguma lógica. Qual seria o primeiro passo? Optou por relembrar tudo que houvera.

O simpático tagarela

Seu pai conhecera Rico (de Ricardo) Canavieira e semanas depois se tornaram sócios. Miro prestava assistência a um bom número de firmas no setor de informática e andava precisando de um parceiro que soubesse se relacionar bem com as pessoas. Rico não tinha diploma de relações públicas, mas despertar simpatia e envolver pessoas era justamente o que sabia fazer. Miro cuidaria do setor técnico da empresa, Rico, do contato com a clientela. Mais tarde, talvez, outro sócio se ocupasse da administração, o que para Rico era desnecessário, pois dizia também entender do assunto.

A aliança comercial deu certo a princípio. Rico era inclusive uma companhia agradável para depois do horário comercial, quando os dois freqüentavam os aconchegantes bares de executivos. Um bom papo, descontraído, sempre cheio de novidades e pilhérias. De sua vida particular Miro apenas sabia que tivera diversos casamentos, nenhum filho e que vivera alguns anos no exterior. O fato de dominar o inglês com desenvoltura fora o selo da sociedade. Nádia, ao contrário de Miro, não gostara de Rico desde o primeiro encontro. Não era bem ódio à primeira vista, mas chegava perto. Achava que Rico falava demais, dizia mentiras flagradas em muitas contradições e gostava de fazer charme com qualquer mulher bonita, inclusive com ela.

— Tudo isso faz parte da profissão dele — contornava Miro. — Como relações-públicas, vive de conquistar pessoas; daí as mentiras, o jogo de personalidade, o charme.

— Mas tudo isso está dando resultado?

— Está, sim. Já trouxe três bons clientes. Estou apostando que ainda vamos ganhar muito dinheiro.

Se apostasse, Miro teria perdido. Com o tempo, Rico foi se revelando um parasita da empresa e, pior, muito pior, descobriu-se que conseguia dos clientes uma taxa adicional com trânsito direto para seu bolso. Sentindo-se logrado, Miro estrilou, exigindo que devolvesse o dinheiro. Rico negou-se a efetuar qualquer devolução. A briga entre os dois sócios, em episódios sucessivos, repercutiu até nas colunas jornalísticas especializadas em negócios. No edifício onde a empresa estava situada todos sabiam do ruidoso desentendimento. Houve bate-boca nos corredores, no elevador, na portaria.

Até que Rico, depois de ter sumido durante dois dias, apareceu morto.

Mário lembrava-se do dia em que Nádia perguntara a Miro:

— Aquele malandro tem ido ao escritório?

— Hoje, não. A mulher telefonou à procura dele.

Horas depois, Miro comparecia à polícia para prestar declarações.

Rico queixara-se de que fora ameaçado de morte. Miro negou firmemente, mas uma testemunha confirmara. Ao sair da delegacia, lembrou-se: descontrolado, ameaçara Rico, sim.

No dia seguinte cedo foi acordado pelo interfone. Pediam-lhe que descesse. A polícia estava na garagem. Desceu e viu um delegado, três policiais e alguns condôminos.

— O que desejam?

— Podia abrir o porta-malas?

— O quê?

— O porta-malas de seu carro.

— Porquê?

— Abra.

Miro, achando a situação ridícula, abriu. Sentiu de imediato um cheiro repulsivo e viu, encolhido, um corpo no porta-malas. Era um homem vestindo uma capa preta. Dois cornos na cabeça. Uma fantasia de diabo!

— Reconhece quem é?

— Eu? Quem é?

— Seu sócio Ricardo Canavieira. Esfaqueado.

— Rico? Quem o colocou aí?

Riram.

O resto da história

Miro, em estado de choque, foi levado para uma delegacia, sob um bombardeio de perguntas. Só tinha uma coisa a dizer e a repetia muitas vezes.

— Alguém pôs o corpo lá para me incriminar.

— Quer mesmo que acreditemos nisso?

— Eu não matei Rico.

— Vocês tiveram uma desavença com ameaças registrada na polícia.

— Éramos sócios e ele desviou verbas da firma, mas só queria a devolução do dinheiro ou simplesmente romper a sociedade. Matá-lo nunca me passou pela cabeça.

— Se não o matou, alguém fez isso por você e deixou o trabalho no porta-malas.

— Juro que não sei de nada.

— Jurar não vai lhe adiantar muito. Você não escapará desta, moço. Havia uma pergunta que talvez esclarecesse muito.

— Posso saber quem informou que o corpo estava no porta-malas?

— Telefonema anônimo.

— Deve ter sido o próprio criminoso — disse Miro, mais para si mesmo que para o delegado.

— A pessoa viu você ocultar o corpo. Não disse de quem se tratava. Como já havia um boletim sobre a briga com Ricardo, nos informamos e soubemos do desaparecimento. Foi assim.

— Acham que também fui eu quem o vestiu de diabo?

Miro permaneceu detido durante algum tempo enquanto as investigações prosseguiram. Todos os passos da polícia confirmavam sua culpabilidade. Quanto a Rico, tivera inimigos no passado; dizia-se, geralmente maridos ciumentos que chegaram a ameaçá-lo de morte. Nenhum nome, porém, transpareceu. Foram localizadas, sim, pessoas que ludibriara propondo negócios em que só um lucraria. Nenhuma delas, contudo, impressionou a polícia como capaz de cometer um assassinato. Tudo águas passadas. E por que agiriam de forma a comprometer alguém, como Miro, que nem conheciam? A mulher de Rico, Lígia, foi um zero à esquerda durante as investigações. Sem nada a dizer, tratou logo de sumir de cena vendendo o que tinha e mudando de endereço.

Nádia fez um esforço comovente para convencer os investigadores da inocência do noivo, deu entrevistas no rádio e na TV, mas todos seus argumentos desabavam ante a realidade concreta do corpo no porta-malas.

A polícia, apenas no tocante aos álibis de Miro, desnorteava-se um pouco. A telefonista, o boy e uma faturista da firma atestavam que passara as duas manhãs e tardes no escritório sem sair uma única vez. Nos dois dias almoçara sanduíches que foram buscar.

Quanto à sua movimentação noturna, Miro não saíra do apartamento na primeira noite. Comprovavam isso o porteiro do edifício, que viu seu carro o tempo todo na garagem, e um inquilino, que, sabendo ser ele assinante de determinada revista, foi bater à sua porta, lá pelas onze horas, para lhe pedir emprestado o número da semana anterior em que fora publicada matéria de seu interesse. Contou aos policiais que permaneceu cerca de meia hora no apartamento de Miro, recebido com muita boa vontade, embora o homem estivesse cansado e já vestindo pijama.

Na segunda noite, último período a conferir, o acusado tinha também um álibi fechado. Estivera com Nádia num bar-restaurant, Pandoro, até as dez, o que o gerente confirmou. Passou por uma livraria, sendo visto e lembrado. Seguiu até uma banca de jornais onde costumava abastecer-se de revistas. O dono da banca, que o conhecia há anos, atestou a seu favor. Tomou um drinque sozinho no bar do Emperor Hotel.

O barman e o caixa disseram quando chegara, quanto gastara, quando saíra. Depois entrou com o carro em seu edifício, trocou algumas palavras com o porteiro e foi dormir.

— Digam, em que hora matei Ricardo? Digam! Digam! — berrava Miro no final de cada interrogatório.

O médico legista disse que Rico já estaria morto há umas doze horas ao ser encontrado no porta-malas. O crime dera-se na noite anterior, quando Miro se despedia da noiva no restaurante. Talvez no momento em que estava na livraria, na banca de jornais ou no bar. Não batia. No tribunal, o médico admitiu a possibilidade de engano. O advogado de defesa teria aí de enfiar sua cunha decididamente e salientar a falha do inquérito policial. Mostrou-se, porém, incompetente, mais que isso, quase indiferente à sorte de Miro.

— Os álibis estão bem encaixados — reconheceu o delegado que chefiou as investigações. — Se não fossem as brigas que Miro e Rico tiveram na presença de tanta gente, teríamos de acreditar que foi outro quem colocou o cadáver no porta-malas.

A respeito do detalhe macabro — a fantasia de diabo —, entrou no processo como o requinte de um vingador. Alguém que atribuísse à vítima a maldade do demo para justificar-se perante sua consciência.

Comprovava também o caráter intencional do crime, friamente planejado, embora a investigação não soubesse informar onde fora cometido. O delegado era de opinião que Rico teria sido atraído de maneira hábil para algum lugar distante onde o réu o matara.

— Por que então não deixou o corpo lá? — perguntou na ocasião um jornalista.

— Suponho que a aproximação de alguém levou o criminoso a esconder o corpo no porta-malas para desfazer-se dele depois. Exausto, decidiu voltar para casa, adiando a tarefa para a noite seguinte.

O caso do diabo no porta-malas vendeu muito jornal e ocupou muito espaço na TV, mas tudo cansa e outros crimes estão sempre acontecendo. Um jornalista que duvidava das conclusões da polícia também se calou. A condenação de Miro encerrou o caso. Se Mário não se mexesse, ninguém faria mais nada por seu pai. Quando sete jurados e um juiz têm a mesma opinião, ela é praticamente irremovível.

O primeiro passo

Mário precisava seguir uma linha de ação que tivesse alguma lógica. Nada de ficar atirando ao léu, sem objetivo claro. Mas por onde começar? Pareceu-lhe sensato tentar descobrir quais eram as pessoas que teriam motivo para matar Rico. Um caminho, sem dúvida. Porém, teria de apressar-se. Receando a condenação, seu pai conseguira-lhe um emprego para dali um mês na agência de turismo de um amigo, quando ela inauguraria novas dependências. Não podia perder muito tempo. Quanto aos estudos, só recomençariam em março.

Por enquanto estava livre para agir, tempo integral, full time, como se diz nas empresas americanas, segundo Nádia. Aliás, se necessitasse de Nádia, ela daria um jeito, tinha certeza. Mas esperava não ter de recorrer a Roque Elias, um sentimentalão um tanto tardo de gestos e de pensamentos. Não conseguia arrancar nenhuma idéia da cabeça. Ligou a televisão e assistiu a um velho filme em preto-e-branco, os preferidos de seu pai. Foi dormir com a impressão de que não saberia em que direção dar o primeiro passo. Custou a pegar no sono e teve pesadelos. Num deles, era ele, Mário, que estava sendo trancado num porta-malas por alguém vestido de diabo.

Acordou tarde na manhã seguinte, com a boca amarga de quem comera algo indigesto. Tomou um banho demorado e depois foi esquentar o café com leite. Onde dar o primeiro passo? Abriu a porta do apartamento e recolheu o jornal que seu pai assinava. Foi lê-lo, página por página. Começar o dia pela leitura do jornal era hábito de que Miro não abria mão. Dizia sempre, até com certa arrogância, que era um costume característico das pessoas da classe média, as que, tendo carro e morando na zona urbana, dispunham de um tempo maior para se inteirar do noticiário do dia. Onde dar o primeiro passo? Ah, lá estava a notícia da condenação de Waldomiro T. Macedo e o retrato dele. O homem que matara o sócio e escondera-o no porta-malas do carro fora condenado a vinte anos. Ricardo Canavieira, dizia o jornal, não era flor que se cheirasse, tendo se metido em diversas complicações em sua vida de embusteiro e conquistador barato. Sua própria mulher expressara-se por monossílabos nos inquéritos e no tribunal, como se a morte do marido pouco a tivesse abalado.

Onde, em que direção dar o primeiro passo? Mário lembrou-se de sua última namorada, Gilda, uma beleza inquestionável, inteligente e vacinada contra toda sorte de preconceitos tolos. Uma garota moderna, equilibrada e sem bobagem na cabeça. Seu pai, um cardiologista de fama internacional, havia herdado razoável fortuna. Visitava freqüentemente a cobertura onde Gilda morava, recebido com afeto pelos pais e amigos. Orgulhava-se de ter uma namorada como aquela e gostava de ser visto

com ela nas danceterias. Miro, ao vê-la pela primeira vez, soltou um assobio.

— Minha nossa, Mário! Onde arranjou essa maravilha? E o velho entendia de mulheres, lembrou-se Mário num sorriso nostálgico. Às vezes, carinhosamente, chamava o pai de velho ou assim se referia a ele, apesar de Miro ter pouco mais de 40 anos de idade.

No entanto... Era amargo lembrar aquilo! Quando estourou nos jornais que Waldomiro T. Macedo matara o sócio, o pai de Gilda a proibiu de manter qualquer tipo de contato com Mário. Até aí tudo bem. Mas o pior é que ela assimilou a proibição e talvez nem precisasse dela para repelir o namorado. Passou a ignorá-lo totalmente.

Mário ficou sabendo o que significa a palavra depressão ao ser rejeitado por Gilda. Era como se estivesse constantemente com febre ou em fase de recuperação de alguma moléstia insidiosa. Claro, procurou os amigos, necessitado de consolo. A maioria deles, porém, evitou-o. Isso era tão desagradável como a curiosidade que despertava em certos grupos.

— Lá vai o filho do homem que matou o sócio e escondeu no portamalas.

Que falta lhe fizera irmãos e parentes próximos! O único ombro amigo em todo esse tempo fora o de Nádia, sofredora como ele. A namorada do assassino. E também o de Roque Elias.

Onde, em que direção dar o primeiro passo? Atravessou o dia inteiro carregando essa pergunta às costas, que lhe pesava como se feita de chumbo. Pensou em telefonar para Nádia. Mas já pedir socorro, antes de começar? Sou apenas um garoto, concluiu, isso não é tarefa para mim. Exige experiência e maturidade. Foi a um cinema. À saída, sentou-se numa lanchonete. Caminhou pelas ruas. Sem seu pai, a cidade parecia-lhe ainda maior, confusa, assustadora.

No fim da tarde já pensava em desistir da pretensiosa idéia de salvar o velho da condenação. Coitado, vinte anos. Ele resistiria vivo até o fim? Se resistisse não estaria mais em condições de começar coisa alguma na vida. Viu-o de cabelos brancos, alquebrado, olhos vazios. Voltou ao apartamento levando um jornal da tarde.

Somente depois do jantar abriu o jornal. Ainda se falava da condenação. Uma foto mostrava Rico e sua mulher, felizes, talvez na data de sua união. Mário ficou olhando para o retrato.

— Já sei por onde vou dar o primeiro passo — decidiu.

O Dinossauro Azul

Mário nada conseguiria se não conquistasse a simpatia e talvez a piedade de Lígia. Humilhar-se já não lhe doía tanto, pois convivera com a humilhação desde o início daquele drama. Dirigiu-se ao apartamento onde ela morara com o marido, segundo Miro, muito espaçoso e elegante, à maneira exibicionista de Rico. Ninguém apreciava mais o luxo do que ele, mesmo estando com a carteira vazia. Defeito sem gravidade se os outros não tivessem de pagar a despesa.

O zelador informou o que Mário já sabia, dona Lígia mudara.

— Precisava falar muito com ela — disse Mário. — Sabe onde posso encontrá-la? Qualquer dica serve.

— Ela própria pediu que não desse informações — disse o zelador com cara de esperto.

Mário entendeu. Aquela máquina precisava ser azeitada. Tirou algum dinheiro do bolso.

— Basta?

— Sei onde trabalha — revelou o zelador, já escrevendo o endereço numa tira de papel. — Ela está num bar fechado em Pinheiros. Abre apenas no fim da tarde. Não sei o que ela faz lá. Mas mudou de nome.

— Mudou de nome?

— Lá, chama-se Consuelo.

Ao anoitecer, Mário dirigiu-se ao bar e parou diante de um letreiro:

DINOSSAURO AZUL

Drinques - sanduíches - música ao vivo

Mário empurrou a porta e foi entrando. A primeira coisa que viu foi um tablado sobre o qual alguns pares dançavam ao som de um ritmo centro-americano, bem tropical e sacudido, que não soube identificar. O grupo musical era composto de cinco elementos, incluindo o cantor, todos vestindo folgadas e brancas roupas típicas. Viu também um enorme balcão dividindo o espaço e muitas mesas, a maioria desocupadas. A noite estava fraquíssima. Um dinossauro azul, estilizado, em relevo, cobria totalmente a parede de fundo do bar. Mário conhecia toda espécie de danceterias e salões para jovens, nenhum parecido com aquela casa, que lembrava os antros enfumaçados dos filmes antigos exibidos na TV Sentindo-se na

atmosfera deles, pesada e ao mesmo tempo romântica, sentou-se em uma das mesas, atento a tudo.

Um garçom, usando um sombreiro à cabeça, aproximou-se ostentando um sorriso comercial.

— Consuelo está? — o rapaz perguntou.

— Quem quer falar com ela?

— Um amigo.

— Ela não pode atender agora porque seu turno vai começar.

Mário não entendeu o que significava turno. Com certo pudor de pedir um refrigerante, bebida inocente demais para aquele tipo de estabelecimento noturno, pediu uma cerveja. Não tardou a surgir no tablado, sob um spotlight, uma cantora vestindo também trajes típicos, com muitas cores, franjas e babados. Sua interpretação era explosiva, toda exteriorizada, cada palavra acompanhada de um movimento; exigia vigor físico e vocal, além da simulação de uma paixão, prestes a explodir.

Deve ser Consuelo, imaginou Mário. Não lembrava nada a mulher calada e impassível que vira no tribunal, porém era ela. Cantora, a mulher de Rico! Nem seu pai saberia disso.

O ruidoso turno de Consuelo demorou meia hora. Ela esforçara-se muito, sacudindo-se o tempo todo, mas o público continuou frio. Um cabeludo, que poderia ser um gerente, fez uns movimentos, distribuiu sorrisos, na esperança de ajudar a animação, fazer pegar fogo, sem muito resultado. Assim que ela se retirou do palco, Mário fez sinal ao garçom.

— Ela poderia me atender agora?

— Seu nome?

— Mário Macedo.

— Pode adiantar o assunto?

— Diga que é sobre Miro.

O garçom demorou a voltar.

— Acompanhe-me. Mas seja breve. Consuelo não está muito disposta hoje.

Mário seguiu o garçom pelo salão. Atrás havia a gerência, uma cozinha e camarins. Consuelo, sentada diante de um espelho oval, aguardava-o. Vendo-a de perto, sem caricaturar sentimentos como quando cantava, era de uma beleza primitiva, não burilada, mas indiscutível.

— O que você quer? — ela perguntou com má vontade.

— Sou filho de Miro — disse o rapaz. — Sabe quem é, não?

— Aposto que foi aquele safado do zelador que lhe deu meu endereço. Tinha autorização apenas para meu irmão que vem do exterior.

— Eu precisava falar com a senhora.

— Seja o que for, não estou disposta a ouvir. Há um momento que a gente não suporta mais nada. Estou farta. Também sofri muito com esse caso. Só espero que não atraia repórteres para cá.

— Não darei seu endereço a ninguém — prometeu o rapaz solene mente. — Nem lhe tomarei muito tempo.

— Vamos, desembuche.

— Meu pai não matou seu marido.

Ela sorriu, nervosa.

— Você disse isso no tribunal. Adiantou?

— Não adiantou. Mas não foi ele. Jamais praticaria um crime. A senhora o conheceu, não?

Ela fixou os olhos no espelho.

— Quem pode saber do que as pessoas são capazes? Mesmo alguém de passado limpo como seu pai. Mas inocência não conseguiu provar.

— Provou onde estive aquela noite, hora a hora, mas isso não convenceu os jurados. Preciso encontrar novas pistas para tentar reabrir o processo. É aí que talvez possa me ajudar.

Consuelo acendeu um cigarro. Era do tipo inquieto, problemático, que fuma muito, o que ela confirmou, dizendo:

— Estou retomando uma carreira que interrompi quando jovem. Já não canto como antes, não sou mais a mesma, e a morte de Rico me deixou com pouco dinheiro. Tenho me preocupado apenas com minha sobrevivência, entende? Com meu dia-a-dia. Do assassinato até me esqueci.

— Eu entendo seus problemas, mas talvez, mesmo assim, possa me ajudar.

— Ajudar?

— Queria apenas que lembrasse algumas pessoas que teriam motivo para matar Rico.

— Não sei de ninguém capaz de cometer um crime tão bárbaro.

Era preciso insistir.

— Consta que tinha inimigos.

— Teve alguns. Não era honesto nos negócios.

— A polícia interrogou essas pessoas? — perguntou Mário, embora sabendo a resposta.

— Não, a investigação ficou em torno de seu pai. Foi no carro dele que encontraram o corpo.

— Poderia me fornecer o nome dessas pessoas?

Ela tragou longamente o cigarro. Estaria mesmo preocupada com a pergunta?

— Eu preciso pensar um pouco.

— Posso esperar. Quando quer que eu volte?

— Volte sábado.

— Agradeço muito.

— Se eu lembrar de algumas pessoas, por favor, não vá me envolver. Vou tentar lhe dar ajuda porque nunca tive a certeza da culpa de seu pai, apesar das evidências. Sempre me passou uma boa impressão. Cheguei a simpatizar com ele. Na ocasião, se tivesse a menor possibilidade de fazer algo por Miro, faria. Mas não havia outro suspeito no caso. Volte sábado.

Uma pista quente entre taças geladas

Nádia telefonou para Mário e marcaram encontro no fim da tarde na badalada lanchonete de um shopping center. Ela chegou antes e estava muito elegante à porta.

— Como vai, madraستا?

Nádia voltou-se e riu.

— Quando me chama assim eu me sinto com o dobro da idade, feia e muito má.

Enquanto encaminhavam-se a uma mesa, que desocupava, Mário contou como decorrera seu encontro com a mulher de Rico.

— Sabia que foi cantora?

— Não sabia — ela respondeu. — Apenas duas vezes nós quatro saímos juntos. Como eu achava Rico um salafrário, evitava muito convívio. Mas bastou para sentir que ela era apaixonada e parecia estar ainda em lua-de-mel. Deixou o marido por causa dele. Uma mulher impulsiva.

— Ah, ela já era casada?

— Não segundo a lei, parece. E nem sei se uma vez só.

Sentaram-se e pediram sorvetes. A tarde estava para gelados.

— Curioso, não a achei muito abatida nem disposta a falar sobre Rico.

— Também a notei um tanto fria no tribunal. E nada disse que acentuasse a culpa de Miro, que revelasse ódio — concordou Nádia. — Não fiz comentários na ocasião, mas estranhei. Onde estava a grande paixão por Rico? Não a vi derramar uma lágrima, você viu?

— Não vi — confirmou Mário. — Talvez o sentimento mais forte que tomou conta dela tenha sido o do medo. Medo da vida, medo de enfrentar privações. Certas pessoas preferem morrer a passar necessidades.

Nádia olhava a distância como quem procura juntar pedaços de um desenho recortado.

— Estranho também esconder o endereço e ter mudado de nome. Será que era assim, Consuelo, que se chamava anteriormente?

— Você não confia muito nela, não?

— Essa desconfiança está nascendo agora. Por que essas mudanças? Há mistério nisso. Quem sabe até tivesse uma razão para desejar a morte de Rico.

— Ou planejá-la — acrescentou Mário como se puxasse o fio de uma meada.

— Não tinha chegado aí, ainda.

Mário respirou fundo e disse:

— Nádia, você está criando uma teoria que tem sua lógica. Ela pode ter arranjado um novo amor e, impulsiva como é, decidiu livrar-se de Rico, um embusteiro. Poderia ser, mas...

— E como explicar o corpo no porta-malas?

— Ora, ela sabia de tudo que acontecia entre Rico e Miro. Do desvio de dinheiro às brigas. Se Miro não existisse, a suspeita do crime poderia recair sobre ela. Precisou de algo forte que a livrasse desse risco, incriminando alguém. Então surgiu a idéia do porta-malas.

Nádia ficou elétrica; tudo nela — boca, olhos, mãos — se mexia. Mal se continha sentada, queria levantar, andar, correr.

— Mário, estamos chegando perto, ficando quentes.

— Calma, madrastra, nada de precipitações.

— Precipitações? Matam-lhe o marido e ela foge da raia, vira Consuelo e começa vida nova. Não me parece muito normal para quem não tem culpa no cartório. Precisamos saber, Mário, se ela está vivendo alguma paixão ardente, como a que a fez abandonar o marido. Pode se tratar de algum homem violento que tenha executado o plano. — Concluiu, vibrando: — Minha imaginação está a mil.

— Até tremo ao pensar nisso — disse o rapaz. — Mas estamos apenas conjecturando. Nada será real, concreto, antes de descobrirmos se Consuelo tem mesmo um novo amor, qual é a cara dele e o que já armou no passado.

— Quando ficou de reencontrá-la?

— Sábado, no Dinossauro Azul. Prometeu levar uma lista de nomes de pessoas que teriam motivo para matar Rico.

— Se pedir seu endereço ela lhe daria?

— Não pedirei, para não alertá-la.

— Descubra-se o endereço de uma pessoa seguindo-a. Nos filmes sempre dá certo — brincou a madrastra.

Os dois continuaram conversando animados sem perceber que alguém, através da vidraça da lanchonete, entre os transeuntes do shopping, os observava disfarçadamente. Passara por lá casualmente ou seguira um deles?

Alguém espreita na madrugada

Mário voltou para o apartamento já vendo em Consuelo uma suspeita do crime. Como Lúgia, mulher casada e do lar, ninguém admitiria estar envolvida num assassinato. Cantando, porém, no meio da fumaça do Dinossauro Azul, lugar de frequência duvidosa, a probabilidade parecia mais real. Estaria despertando nele sorrateiramente um preconceito de cunho social ou moral, dos quais os artistas de palco geralmente são vítimas? Deixou de responder no momento à pergunta. Concentrou-se no proveitoso encontro com Nádia, que, entre colheradas de sorvete, fizera surgir uma fresta na escuridão que sempre fora o crime do porta-malas. Por que Consuelo não deixara seu novo endereço no edifício onde morara? Apenas para fugir da imprensa? Ora, com a condenação de Miro, a reportagem a deixaria em paz, voltada a outros interesses. Qual, então, o escuso motivo da precaução? Preciso mesmo descobrir onde Consuelo mora, decidiu Mário. Gostaria de já saber sábado, quando a reencontrarei.

Para obter informações, Mário telefonou diversas vezes ao Dinossauro Azul, mudando a cada vez o tom de voz. O estabelecimento normalmente fechava às duas da madrugada, a não ser às sextas e aos sábados, dias de casa cheia, quando não tinha hora para cerrar as portas. Naquela noite, o último turno de Consuelo seria à uma hora. Teria de permanecer em seu carro, nas proximidades do bar, e segui-la até onde morasse. Sozinho, não era tarefa agradável tão tarde da noite. Teria de levar umas fitas que ajudassem o tempo passar.

Logo depois da uma da madrugada, quando já rolava o turno de Consuelo, Mário estacionou o carro a vinte metros do Dinossauro Azul, vendo à frente um porteiro fardado. Pôs uma fita no drive e começou a ouvir uma das músicas favoritas de seu pai, doce como mel. Com ele Mário aprendera a ser exigente, recusando-se a aprovar qualquer droga apressadamente quando se tratava de músicas, filmes e livros. Certa música vendia milhões? Não importava. Para ele era um lixo. E quase sempre tinha razão, porque em poucos meses ninguém lembrava mais dela. Da mesma forma agia em relação à roupa. Não era porque um industrial estrangeiro decidia faturar milhões lançando uma grife charmosa, para atrair consumistas idiotizados, que entrava na fila saltitante para comprar. Em contraposição, o pessoalzinho de sua faixa, desafinado com ele, pichava-o. Diziam que era pretensioso e metido a intelectual. Que queria brilhar mais que todos. E, o pior, reconhecia Mário, era que algumas garotas bonitas do colégio também pensavam assim. Viam-no com antipatia, um bicho raro. Gilda fora a única que não estivera entre essas.

Gilda! A primeira paixão para valer. Estudavam no mesmo colégio, ele no terceiro ano, ela no segundo. Com a diferença que no bolso do pai dela as mensalidades não pesavam. Morava numa cobertura, geralmente

passava os fins de semana em boas praias e com 16 anos já viajara para o exterior. No grupo todos circulavam ao redor dela. Principalmente aqueles cujos pais tinham maior conta bancária. No entanto fora por Mário que seu interesse logo se manifestara e de forma tão direta que os prováveis rivais abandonaram a arena.

— Vamos dar uma festinha em casa. Pinte por lá — pediu-lhe Gilda.

Ele hesitou. Esse negócio de nível social, gente que tem muito dinheiro, inibe. Aí a vida se parece um pouco com telenovela. Há as casas dos ricos e as dos pobres, cenários dos conflitos entre classes opostas. Mas, no final, as barreiras sociais são superadas, em vez de guerra há uma grande festa, sobe a audiência e tudo acaba bem, para agrado dos telespectadores e dos donos das emissoras. Na vida, porém, esse nivelamento social é muito difícil e as paixões entre jovens de diferentes camadas da sociedade nem acontecem. Por isso Mário ficou envaidecido quando apareceu na cobertura de Gilda, como ela pedira, e logo sentiu que seus pais, após breve conversa com ele, dedicaram-lhe a maior atenção.

— Tanto papai quanto mamãe acharam você um cara especial — disse Gilda. — E olhe que não são de ficar derramando elogios.

— Também achei os dois legais. Pensei que fossem conservadores, quadrados. Mas não são. E estão por dentro de tudo.

— Eles vão convidá-lo para vir num fim de tarde, quando só recebemos os mais íntimos. Parecem interessados em conhecê-lo melhor.

Miro costumava brincar com o filho. Como se sente quando volta à planície?, perguntava-lhe. Pode ainda suportar a poluição do mundo proletário? Ria-se ao lembrar do pai fazendo-lhe essa pergunta. Miro era muito engraçado. Como tal coisa acontecera a um homem como ele?

Subitamente, Mário viu muita gente deixar o bar. Olhou o relógio. Quase duas. Consuelo já terminara seu turno. Devia estar prestes a ir embora. Ficou atento. Ninguém mais entrava no Dinossauro Azul. Saíram alguns casais. Depois um bêbado que lembrava o Cantinflas, aquele ator mexicano que ele descobrira nos filmes que seu pai gostava de assistir. Em seguida quatro homens que deviam ser os músicos do bar, um deles carregando um instrumento numa caixa. E Consuelo, por que não saía?

A partir das duas horas, Mário não tirava os olhos da frente do bar, vendo-a através dos vidros embaçados do carro. Fazia frio, poucos passos soavam pela rua. Apagou-se o néon azul, o único luminoso que restava aceso no quarteirão. Agora Consuelo teria de sair. O porteiro, um homem alto, que desaparecera, reapareceu à porta, mas já não fardado. Falou alguma coisa olhando para o interior do bar e seguiu lentamente pela rua.

O Dinossauro Azul estava fechado. E Consuelo? Mário permaneceu ainda algum tempo estacionado. Havia apenas uma explicação: Consuelo não fora trabalhar. Ou... teria desaparecido?

Apenas ao sair observou que outro carro, atrás do seu, envolto na neblina que caía, também estava estacionado. Pareceu-lhe ver alguém ao volante, cabeça baixa.

Lembranças que a solidão traz

Mário voltou para o apartamento e foi direto para a cama. Mas não dormiu, ainda tenso. Consuelo teria saído do Dinossauro antes que ele chegasse? Com mais perguntas que respostas à cabeça só adormeceria ao amanhecer.

Estava ainda na cama quando o telefone tocou. Tinha uma extensão sobre o criado-mudo.

— Mário, é Nádia. Como foi ontem?

— Mal, fiquei à porta do Dinossauro até ele fechar e não vi Consuelo sair. Haviam me informado pelo telefone que o último turno dela seria a uma hora. Ou saiu antes ou não foi trabalhar.

— O que acha?

— Sei lá! Pode também ter resolvido desaparecer. Deve ter motivos.

Nádia parecia mais ponderada. Tivera tempo para pensar.

— Mário, uma pessoa que deseja se esconder vai para o mato, não para um palco iluminado. Temos aqui na agência um veterano que conhece tudo sobre cantores do passado. Até assinou uma coluna especializada num jornal. Pois ele conheceu Consuelo, nos anos 70, quando era bem moça. Era uma beleza e muita gente fez loucura por ela. Coisas assim de quebrar tudo, sair por aí matando. Punha todo mundo fora dos eixos. Portanto, Mário, ela não lhe mentiu quando disse que estava recomeçando a carreira. Foi cantora, sim. Por outro lado, fugir ao ser localizada justamente por você seria confessar sua culpa, pôr tudo a perder, quando o réu já foi condenado.

— Acha que ela nada teve a ver com o caso? É o que está dizendo?

— Não disse isso. Para mim continua suspeita, suspeitíssima. Só não acredito que esteja fugindo, mesmo porque, se culpada, não agiu sozinha.

— Está certa. Eu é que estou meio tonto.

— Quando vai voltar lá?

— Agora só voltarei no sábado, como ficou combinado. Ficar plantado diante do bar na madrugada é dose. Tive até a impressão de que alguém me observava de outro carro. Bem, vamos ver se ela fez mesmo a lista que prometeu.

— Teve a impressão de estar sendo observado, você disse?

— Estava muito ligado, vendo fantasmas.

— Mário, não vá se arriscar demais. Lembre-se de que dentro de um mês começa sua vida de trabalhador.

— Eu sei. A cabeça ainda não está lá essas coisas, mas eu seguro essa. Tchau, madrastra.

Preencher o tempo até a noite de sábado era o problema. A sensação de solidão absoluta voltou. Se já estivesse no Cursinho, onde novos colegas não soubessem do crime, o peso seria mais leve. Os estudos, porém, começariam só dali a dois meses. O fato é que os amigos haviam evaporado. Rodrigo, um dos mais chegados, nunca mais o procurara. Se lhe telefonasse, sempre diziam que não estava em casa. Parece que lhe reconheciam a voz, voz do filho do assassino. Mauricio era outro amigo de quem gostava muito. Um cara divertido, solto, meio pinel. Dava a impressão de que preconceitos com ele não tinham vez. O pai, deputado, tinha fama de possuir um grande coração, alguém sempre inclinado a ajudar os outros. Pois Maurício, o legal, o brincalhão, o palhaço da turma, foi o mais contundente de todos:

— Escute aqui, Mário, muitos amigos meus são filhos de ladrões. Desviaram verbas do governo, passaram a mão no dinheiro dos aposentados e aliviaram os cofres de hospitais. Podem até ter causado mortes, mas não com as próprias mãos. O caso de seu pai é diferente. O que ele fez foi monstruoso. Meu desejo é que passe o resto da vida na cadeia.

Depois de ouvir isso, não deu mais para encarar Mauricio. Qualquer contato se tornou impossível.

Outra história foi a de Ítalo. Meio tímido, incapaz de fazer alguém rir, um apaixonado enrustido de Gilda, não desapareceu assim que o crime do porta-malas estourou nos jornais. Continuou a manter a amizade com Mário, no mesmo nível afetuoso, mas não na presença dos outros. Só a expressava quando estavam a sós. Ser seu amigo, hipotecar-lhe solidariedade, era como um pecado, algo que não podia ser exposto. Nesse caso foi Mário quem reagiu.

— Ítalo, é melhor não me procurar mais. Isso poderá prejudicar você no grupo. Mesmo porque não admito amizades secretas. Quem quiser ser meu amigo deverá correr todos os riscos.

Dizendo isso, Mário afastou-se em passo apressado. Foi um gesto de independência e coragem. Mas, já no quarteirão seguinte, as lágrimas começaram a correr-lhe pelo rosto. Afinal, Ítalo fora o único amigo que lhe restara.

Filho de criminoso, Mário só fugiria desse estigma mudando de cidade ou mesmo de país. Conhecer pessoas que ignorassem totalmente o acontecido. Mudar de nome. Se lhe perguntassem do pai, diria: Vive na

Austrália. Adora cangurus. Mas tudo não passava de impulsos. Não poderia viver distante de Miro. Nunca alguém precisara tanto dele. Nem afastar-se de Nádia, a madrastra, que também sofrera muito e ainda sofria como noiva do autor de um crime bárbaro. Tinha de agüentar firme, lá mesmo, cercado pelo desprezo, ódio ou pela curiosidade mórbida da maioria, estudando e trabalhando, e, embora sem pistas animadoras, lutando para descobrir quem fora o verdadeiro assassino de Rico. E talvez nem o advogado, mas só ele, Roque Elias e Nádia acreditavam na total inocência de Miro.

Retorno ao Dinossauro Azul

Mário já se aprontara para ir ao Dinossauro Azul. Sensação diferente de quando se vestia para ir com Gilda às danceterias da moda, onde muita garota esnobava chegando nos carros importados dos pais. Noites inesquecíveis em que tudo era descoberta e novidade. Em compensação, ao Dinossauro Mário ia dirigindo seu próprio carro, o que pertencera a seu pai, que teria de vender, receava, caso as finanças piorassem.

Estacionou justamente no ponto da primeira visita. Reconheceu o porteiro fardado. A presença de um moço de 18 anos naquele tipo de estabelecimento chamava a atenção. Aquilo era para pessoas bem mais velhas, que sofriam a nostalgia de outros tempos. Os mais jovens ali teriam o dobro da idade de Mário. Até as bebidas, drinques, como lera da vez anterior, mostravam no cardápio nomes que nada lhe significavam: cubalibre, manhattan, finalô. Mas no sábado a casa estava mais animada, toda enfeitada de bandeirolas coloridas, as mesas já ocupadas, uma farra. Mário ficou de pé, ao lado do balcão, vendo o conjunto se esbaldando no palco num desfile superaquecido de ritmos latinos: calipso, mambo, rumba, chachachá, salsa, conga. Músicos que não deixavam a peteca cair. Quem tivesse uma dama à mão saía dançando freneticamente, não dava para resistir. Tem muito mais gás e pimenta que rock, admitiu Mário, divertindo-se. E parece que não é difícil dançar isso. Foi quando notou...

A primeira jovem presente no Dinossauro que viu, uma garota de sua idade, moreníssima, olhava e sorria para ele, a curta distância, como se sentisse uma vontade premente de dançar e seguir naquele embalo. Mário não fora lá para isso, mas era sábado, a música empurrava e os olhos da moça o puxavam. Tipo da oportunidade que lamentaria se perdesse. Não fez nada, deixou-se levar. Quando deu por si estava dançando bem encostado a ela, sentindo seu suave perfume, no meio do tablado, ora conduzindo ora conduzido, sem inibir nenhum requebro, solto, com uma habilidade de movimentar os pés de que não se julgava capaz.

Ainda não estava certo se realmente aquilo acontecia. Seria um sonho, se não fosse a mão da moça, concreta, provar tratar-se de realidade.

Calculou que dançou no mínimo meia hora sem intervalo e só deixou o tablado quando a garota o levou para o balcão.

— Estou morrendo de sede — disse ela.

Ela parecia tão diferente de Gilda e de outras garotas que... Não conseguia formular uma frase inteira nem em pensamento. O garçom serviu-os imediatamente.

— Aqui está, Lupe.

Estranho! O garçom sabia o nome dela. Lupe.

— Nunca tinha dançado esses ritmos — disse ele.

— Não costuma vir aqui?

— Já tinha vindo uma vez, mas não dancei.

— Acho o Dinossauro Azul superlegal. Pena que os moços não venham.

— Você vem sempre?

— Só agora, que estou em férias.

Com quem ela teria vindo? Sozinha?

— Então você estuda?

— Num internato, mas não em São Paulo.

Bonita e... misteriosa. Uma estudante de internato dançando num lugar como o Dinossauro Azul? Como seus pais permitiam isso? Olhou ao redor tentando localizar as pessoas que a acompanhavam. Encaminhou o papo noutra direção.

— Como aprendeu a dançar tão bem esses ritmos?

— Meu pai foi músico.

— E não é mais?

— Morreu há muitos anos.

O mistério permanecia.

— Mais refrigerante, Lupe? — perguntou o garçom.

— Obrigada.

Mário fez menção de pagar o refrigerante, mas o barman recusou.

Voltaram para o tablado. Dançando, ele esqueceu o enigma. Eram os primeiros momentos de prazer depois de um ano. Talvez não se repetissem. Precisava curtir todo o fascínio daquele encontro. Viver lance a lance. Felizmente nem todos os ritmos ensurdeciam.

Lupe também queria fazer perguntas.

— Como é seu nome?

— Mário. O seu é Lupe, eu ouvi. O garçom conhece você?

— Conhece.

Se não fosse ela ter dito que estava em férias do colégio, Mário estaria imaginando coisas. Uma juvenzinha só no Dinossauro, amiga dos garçons, e que tão facilmente fora dançar no tablado com ele, dava o que pensar. Ou as tais férias não passariam de história... Poderia ser isso. Sim.

— Você passou de ano? — pareceu-lhe uma pergunta boa para flagrar uma mentira.

— Passei para o terceiro colegial.

— Gosta de estudar?

— Prefiro tocar piano. Temos um conjunto no colégio, eu sou a pianista.

— Gostaria de ouvir.

— Sabe que já toquei aqui?

— Aqui no Dinossauro?

— Foi uma vez só. Fiz sucesso.

Uma aluna de internato tocando piano num cabaré! Mário não entendia mais nada. O mundo já estaria de cabeça para baixo e não fora informado? Ou seria muito mais ingênuo do que imaginava?

Tocaram-lhe no ombro. Era o gerente cabeludo. Quebrado o encanto da noite. Lembrava-se agora por que estava ali.

— Venha comigo.

Mário acompanhou o homem. Atravessaram todo o salão e passaram pela cozinha. Além dos camarins havia um pequeno apartamento.

— Consuelo não vai cantar hoje — disse o cabeludo.

O rapaz entrou numa sala onde o gerente lhe indicou uma cadeira e o deixou. Consuelo deveria morar lá no fundo, talvez de favor, daí não poder fornecer seu endereço. Por esse motivo também a esperara inutilmente à saída do Dinossauro. Coisas que se explicavam.

— Boa noite!

Era Consuelo, chegando, vestida como dona de casa, discretamente. Mais a Lígia que se casara com Rico. A do tribunal. Guardara a cantora na gaveta?

— Boa noite!

— Moro aqui — disse ela.

— Ah, sim? Soube que a senhora não vai cantar hoje.

— Canto quando quero.

— E permitem?

— Sou a proprietária disto — ela revelou com naturalidade.

— Do Dinossauro Azul?

— A pessoa que o trouxe, Ramon, é meu sócio. Joguei minhas últimas economias aqui.

— E o negócio vai bem?

— A casa só enche às sextas e aos sábados. Preocupa.

Estaria Consuelo querendo amolecê-lo, fazer com que esquecesse a investigação?

— Fez a lista? — perguntou.

Ela acendeu um cigarro. A cada movimento seus problemas transpareciam.

— Enumerei três nomes. Mas não os considere suspeitos. São apenas pessoas que tinham seus motivos para não gostar de Rico.

— Três homens?

— Dois homens e uma mulher.

— Motivos que envolviam dinheiro?

— Dois sim, outro não. Este foi puramente amoroso. Uma paixão. Mas, como disse, não tenho por que suspeitar delas. E parece que nenhuma conhecia seu pai.

— Essas pessoas moram em São Paulo?

— Anotei o último endereço delas. Espero que morem ainda.

Ela retirou um pequeno papel sob um cinzeiro. Consuelo entregou-o ao rapaz. Lá estavam os três nomes.

Mário leu:

— Otto Feld.

— Esse, Rico ludibriou sem pena. Otto deu-lhe dinheiro para se tornar seu sócio numa empresa da qual ele se dizia dono, exibindo papelada falsa. Rico tinha relações com os maiores falsificadores do país, muitos já na cadeia. Otto Feld era um carecão mal-encarado, baixinho, mas troncudo, forte. Diziam que se dedicara a certo tipo de luta profissionalmente.

— Que gênero de empresa?

— Balcões frigoríficos e outros produtos da indústria do frio. Rico era duma inteligência muito viva. O que lia, decorava. Memória fotográfica. Convenceu Otto de que era autoridade no assunto. Divertiu-se com isso. O alemão, que vivia da venda de animais para circos e zoológicos, ignorando a especialidade, entrou na ratoeira. Ao perceber o erro, quase enlouqueceu e disse que o mataria. Rico teve de sumir por algum tempo. Depois voltou a

viver normalmente. Costumava dizer que São Paulo é tão grande que o melhor lugar para se esconder de alguém é permanecer aqui mesmo.

Mário leu o segundo nome.

— Maria Domênica.

— Essa apaixonou-se por Rico. Com a morte do marido, um comerciante de móveis velhos, herdou um bom dinheiro e decidiu voltar para a Itália, onde nascera. Rico a convenceu de que aqui é que estavam as grandes oportunidades. E mais. Aqui é que estava seu verdadeiro amor. Ela acreditou. O vendedor de móveis velhos não sabia falar de amor como Rico. Alguém que tropeçava nas palavras. Maria só teria mesmo de se apaixonar, moça ainda e com sede de viver. Preciso contar o fim da história? Ele se apoderou de parte do dinheiro dela e desapareceu. Ela jurou que o mataria e depois tentou o suicídio. Enquanto isso Rico gastava seu dinheiro no Rio. Era doido por uma praia. Minha alma pode estar doente, dizia, mas meu corpo é saudável.

Mário olhou para a lista. O terceiro nome.

— Denis Durant, o DD.

— Desses, foi o único que conheci. Seu mal eram as drogas. Fumava e cheirava muito. Mas, inegavelmente, tinha um grande talento.

— Tenho a impressão de já ter ouvido esse nome. Denis Durant. Não é um músico? Meu pai falava dele.

— A banda de Denis Durant gravou, exibiu-se na TV, fez sucesso. Ele era seu líder e baterista maluco. Lotou o Canecão e o Pacaembu. No começo da década passada era feio não ter um disco de DD em casa. Apesar do tóxico, ele ia levando. Seu desastre foi conhecer um homem simpático, que ampliou seu nível de ambições. Rico pôs na cabeça de Denis que ele poderia ser um êxito internacional. Perdia tempo no terceiro mundo. DD não hesitou. Reuniu a banda e os instrumentos e partiu com Rico para uma excursão de um ano aos Estados Unidos, América Central e Europa. Na realidade, Rico foi além do que prometeu. Levou a banda até para a Ásia. Porém, voltou ao Brasil antes dela. E com quase todo o dinheiro que o pobre Denis, drogado, faturara. Foi o fim de Denis e de sua banda, que se desfez no exterior. Agora passa temporadas em sanatórios tentando sua recuperação.

— Acha que essas pessoas me receberão? — perguntou o rapaz.

— Você é muito jovem para arrancar delas mais do que já se sabe. Confiaria numa pessoa mais velha. No entanto...

— No entanto o quê?

Uma pausa para tragar o cigarro e formular uma pergunta delicada.

— Por que não admitir a hipótese de que o criminoso foi seu pai mesmo?

— Não foi ele.

— Gostaria que não. Mas foi no porta-malas do carro dele...

Alguém se aproximava.

— Lupe!

Lupe sorria.

— Então se conhecem? — ela perguntou como se isso lhe desse muito prazer.

— E vocês, onde se conheceram? — admirou-se Consuelo, realmente surpresa, sem sentir prazer algum.

— Conhecemo-nos hoje, aqui no salão — disse Mário.

— E já dançamos bastante — a moça acrescentou, prolongando seu luminoso sorriso.

Mário fixou os olhos em Consuelo, como quem implorasse uma explicação.

— Ela é minha filha — esclareceu a sócia do Dinossauro Azul.

Mais um enigma noturno

Há surpresas que gelam, outras que esquentam. Mário sentiu as duas sensações ao ouvir de Consuelo que Lupe era sua filha. Ambos demonstraram certo constrangimento, principalmente a dona do Dinossauro. Não lhe agradava aquele inesperado relacionamento com sua filha. Mário disfarçava a surpresa. Seu pai, lembrava-se bem, jamais dissera que Rico tinha uma enteada. Por que mais um enigma rondando a vida de Consuelo?

— Lupe está em férias — disse sua mãe. — Não gosto muito que ela viva neste ambiente, mas ainda não está dando para alugar um apartamento.

— Gosto de passar as férias aqui — contrariou Lupe. — É como viajar num navio. Gosto também durante o dia, quando está vazio. Poucas pessoas dispõem de tanto espaço para viver. O que me falta é companhia.

Aquilo valia como um convite endereçado a Mário, mas Consuelo não estava predisposta a consolidar a amizade.

— Vou lhe apresentar muitas moças de sua idade — prometeu. — E você fará uma viagem pelos estados do Sul; já estou tratando disso. Não se preocupe.

Mário entendeu claramente o que estava expresso na fala de Consuelo. Preferia que sua filha tivesse outras amizades. O porquê não sabia. Mas era sua preferência. Talvez soubesse quem matara Rico. Ou ela própria mandara matá-lo, o que tornava incômoda sua presença constante ali. Levantou-se.

— Já vou indo — disse Mário.

— Mas é cedo — protestou Lupe.

— Nem tanto. Preciso ir.

— Vou acompanhá-lo — ela quase implorou.

— Eu acompanho — impôs Consuelo. — Tenho ainda umas palavras para dizer a Mário.

O rapaz apertou a mão de Lupe. Ela achou pouco. Beijou-lhe o rosto.

— Gostou de dançar? — perguntou.

— Achei legal. Me senti no Caribe.

— Para um iniciante, dançou muito bem.

Mário sentiu que a separação doía nela. Queria dançar mais. Queriam dançar mais. Saiu com Consuelo. Foram atravessando o salão que estava lotadíssimo, gente pelo ladrão, muita bebida, muita euforia, muita fumaça e ritmos que sacudiam até as paredes. Seria uma noite fantástica para ele se não fosse o basta da mãe de Lupe.

Chegaram à porta da rua.

— Não sabia que tinha uma filha.

— Poucos sabem disso. Nasceu de meu primeiro casamento. Viveu depois em colégios internos. Melhor assim. Não foi envolvida em fatos desagradáveis.

— Rico certamente a conheceu — arriscou.

A ligação do nome de Rico com o da filha fez algum mal a Consuelo, que engoliu saliva misturada talvez a uma grande dor antes de responder.

— Só conviveram nas férias dela. Mesmo assim ficou abalada quando morreu. Até outra vez, Mário — despediu-se.

Esse outra vez soou como até nunca.

— Obrigado pela lista. Vou entrar em contato com essas pessoas.

— Como disse, não tenho nenhuma suspeita clara contra elas. Se procurá-las, não diga que foram citadas por mim.

Mário viu-se só na rua, sobre a qual caía uma espessa neblina. Ficou um tempo sem pensar no crime, apesar da lista de prováveis suspeitos. Seu pensamento fixava-se em Lupe. Seria aquilo o princípio de alguma paixão? Teria de resistir. Amar a filha da estranha Consuelo, mulher de vida dupla, poderia causar-lhe sérios problemas.

Parlatório

Era dia de visitas no presídio. Miro pedira ao filho e a Nádia que o visitassem o menos possível. Cuidem de suas vidas e esqueçam-me, aconselhara. Mário entendia o pai. Visitas, em certas circunstâncias, causam mais dor que satisfação. Mas tinham tanto para conversar! Depois de mostrar documentos que provavam o parentesco com o sentenciado, foi levado a um parlatório, separado por grades. De um lado, os visitantes, de outro, os presos. As pessoas conversavam sentadas, com o horário da visita limitado por um grande relógio no alto da sala. Uma cena deprimente de um teatro monótono em que o elenco não se movimentava e suas falas ninguém ouvia. Mas, embora imóvel e sussurrante, capaz de produzir a mais sufocante impressão.

O rapaz ocupou um lugar indicado por um guarda e esperou pelo pai. Ali o destino, separando presos e visitantes, expressava-se por meio de uma linha reta numa cruel geometria. Miro não tardou a aparecer, através das barras do parlatório, mais magro, o corpo folgado no uniforme.

— Oi, como vai? — exclamou Miro, como sempre procurando amenizar a situação.

— Vou bem, pai, e você?

— Não posso dizer que estou me divertindo, mas sobrevivo. Arranjei um trabalho na biblioteca. Estou pondo minhas leituras em dia. Comecei a reler Lima Barreto.

— Pai, eu estou me mexendo. Hei de tirá-lo daqui.

— Mário, você nada poderá fazer. Não assuma essa responsabilidade.

— Estive com Consuelo.

— Que Consuelo?

— É como Lígia, a mulher de Rico, se chama agora. Ela já foi cantora, sabia?

— Sabia. Você conversou com ela?

— Sim, no Dinossauro Azul, uma espécie de dancing ou cabaré, do qual é sócia.

— Ela recebeu bem o filho do homem que foi condenado por ter matado o marido dela?

— Recebeu. E, a meu pedido, fez uma coisa. Me deu uma lista com três nomes de pessoas que teriam motivo para matar Rico.

— Ela acredita na minha inocência? No tribunal não se mostrou nem pró nem contra mim.

— Consuelo parece simpatizar com o senhor. Mas não chega a julgá-lo inocente no caso. Como também não prometeu ajudar em mais nada, além do fornecimento da lista.

— Que nomes são esses? Talvez conheça algum.

— Um deles é Otto Feld, um careca, troncudo, que lutou profissionalmente no passado. Com o dinheiro ganho, comprou sociedade numa indústria, oferecida por Rico, que lhe entregou falsos documentos de propriedade. Otto Feld, conheceu?

— Não, Mário. Nem Rico jamais o mencionou.

— O segundo nome da lista é uma mulher.

— Uma tal Maria Domênica?

— Acertou em cheio.

— Dessa Rico me falou. Uma mulher que se apaixonou por ele e que depois o acusou de muitas coisas. Rico dizia tratar-se apenas de uma doida.

— Na versão de Consuelo, Rico roubou tudo que ela herdara do marido.

— Não duvido nada. Jamais houve pessoa mais amoral.

— O terceiro é Denis Durant.

— O DD? Foi um band-leader de sucesso quando você era ainda um garotinho. Baterista de grande cartaz. A cocaína acabou com ele.

— A cocaína e Rico também, que o empresariou e o levou para o exterior.

— Li nos jornais que tinha sido depenado por um empresário.

— Esse empresário era Rico.

— Isso eu ignorava. Rico dizia apreciar apenas os músicos clássicos. Nunca me falou de Denis Durant. Mas o que pretende fazer?

— Visitar essa gente.

Uma pausa para fabricar um pouco de ironia.

— Espera que um deles confesse o assassinato?

— Quero apenas ver a cara que eles têm.

— Repita isso, jovem detetive.

— Quero apenas ver a cara que eles têm.

— Receio que perderá seu tempo, Mário.

— Estou em férias e ainda não comecei a trabalhar na agência de turismo. Disponho de todo o tempo possível.

— Nádia também espera tirar algum coelho desse mato?

— Não pretendo envolver Nádia nas investigações. Mas a colocarei a par de tudo. Nós nos damos muito bem, pai.

— Ela adora você. Nádia é maravilhosa.

— Vista através das grades é ainda mais.

— Farei tudo para tirar o senhor daqui — repetiu o rapaz.

— Você me comove com o trabalhão que dará essas investigações. Preferia que se dedicasse aos estudos. Mas, se vai se lançar nisso, cuidado, Mário. Olhe bem onde pisa e não corra perigo inutilmente. Qualquer dessas pessoas pode ter matado Rico e querer matar quem o descobrir. O horário terminou — disse, olhando para o relógio do parlatório.

— O senhor conheceu Consuelo bem?

— Conheci Lígia, que nunca supus se tornar um dia sócia de um cabaré. Desconhecia essa vocação. Como vê, a conhecia apenas superficialmente. Uma moça bonita, doida por Rico, que preparava ótimos pratos mexicanos.

— Sabia que tem uma filha quase da minha idade? Chama-se Lupe. Vive num internato.

— Nunca ouvi falar. Você a conheceu? — perguntou Miro.

— No próprio Dinossauro Azul. Está em férias e mora lá com a mãe num apartamento de fundos.

— Bonita como a mãe? — Não sei como a mãe era aos 17. Mas acredito que Lupe é uma edição aprimorada do que Consuelo foi — garantiu Mário com uma convicção que ultrapassava o simples desejo de informar.

— Meu filho, não sei quanto vale o conselho de um condenado — disse Miro lentamente para valorizar as palavras —, mas tudo que teve uma ligação com Rico, mesmo distante, me assusta. Não se deixe envolver por nada que lembre seu nome. Morto talvez ainda represente perigo.

Bom rever Nadia

— Morto talvez ainda represente perigo.

— Seu pai disse isso?

— Palavra por palavra.

Mário fora visitar Nádia em seu pequeno apartamento, decorado por anúncios enquadrados que ela criara para a agência de publicidade. Sentados num terraço de onde se via a praça Buenos Aires, tomavam refrigerantes. Era bom rever Nádia, sua linda futura madrastra.

Ela estava admirada da movimentação dele naqueles dias.

— Quanta coisa você descobriu ou arrancou de Lígia em dois encontros!

— Lígia não, Consuelo — ele corrigiu.

— Realmente, a pessoa de quem fala não se parece muito com a Lígia.

— Leia agora a lista de Consuelo.

Nádia leu demoradamente os nomes.

— Apenas conheço Denis Durant, que tinha uma banda. Um drogado que os fãs acabaram esquecendo.

— Às vezes penso que Consuelo só fez essa lista para se livrar de mim.

— Para anular qualquer suspeita que tivesse a seu respeito?

— É. Quem pode garantir que não foi ela que matou Rico? Consuelo tem um sócio cabeludo que parece figurante de filmes ambientados no México, tipo "Tesouro de Sierra Madre", "Viva Zapata", por aí. Encontrar-se com ele em lugar baldio deve ser apavorante.

— Estranhei também o desagrado que causou nela o fato de ter dançado com Lupe. Afinal, você não é um rapaz que assusta tanto uma mãe tão experiente como... Consuelo. Pode não ser um príncipe encantado, mas também não é o conde Drácula.

— Isso me irritou. Ela fez um furo num balão cheio de emoções!

— Puxa, isso é poético! Você está apaixonado.

— Ainda não sei. Vi Lupe uma única vez.

— Pretende voltar ao Dinossauro?

— Vai depender da conversa com os caras da lista.

— Para rever Lupe — disse Nádia maliciosamente.

— Para rever também Consuelo, que é a primeira da minha lista de suspeitos. Não é porque tem uma filha superlegal que deixou de ser uma figura estranha.

— Quando vai começar as investigações?

— Imediatamente. Seguirei a ordem dada por Consuelo. Otto Feld, o primeiro. Aquele a quem Rico vendeu sociedade numa indústria, trocando papéis falsos por dinheiro verdadeiro.

— Pobre dum ingênuo.

— Talvez um sonado. Foi profissional dessas lutas brutais que rolam por aí. Para me ajudar a encontrá-lo, Consuelo anotou: ver catálogo telefônico. Mas não consegui localizar a fera.

— Sabe quem poderia lhe informar?

— Não sei.

— Antigos jornalistas esportivos.

— Não conheço nenhum.

— Na agência de publicidade onde trabalho, sempre que precisamos de dados ou dicas esportivas, recorremos ao Olímpio, que trabalha na área há meio século. Já leu sobre ele? Verdadeiro computador humano. Vou colocar você diante dele. Prepare-se para conhecer um tipo admirável.

Homem-Enciclopédia

A porta do apartamento foi abrindo lentamente. Ninguém aparecia diante dela. Abrira sozinha? Mário ouviu uma voz ordenando:

— Entre.

Entrou e continuou não vendo ninguém. A sala parecia um arquivo de jornal, com todas as paredes ocupadas até o teto por estantes metálicas que alinhavam pastas, provavelmente cheias de recortes. Numeradas ordenadamente, tinham na lombada a indicação de mês e ano. Havia também, em bronze, tamanho natural, a estátua de um musculoso atleta arremessando um disco.

— Senhor Olímpio? — perguntou, ainda sem ver ninguém.

— Abri a porta com o controle remoto. Estou à sua espera aqui.

Mário, um tanto hesitante com a ordem dirigiu-se à sala ao lado, que tinha mais estantes que a primeira e um computador ligado. Olímpio, um homem velho, grandalhão e aloirado, estava sentado numa cadeira de rodas com um controle eletrônico na mão. Poderoso, parecia que com aquele aparelho podia mover o mundo ao seu dispor.

Nádia não dissera que o jornalista era paralisado.

— Sou a pessoa de quem Nádia deve ter falado. Muito prazer.

— Esteja à vontade, sente-se.

Mário não quis entrar logo no assunto. Despertava-lhe curiosidade aquela figura histórica da crônica esportiva, imobilizada na cadeira e, apesar disso, demonstrando muita vitalidade. Isso: vitalidade. Um leão impossibilitado de movimentar-se.

— O senhor tem aqui um vasto arquivo — disse Mário olhando ao redor.

— Na especialidade é o maior do país — esclareceu orgulhosamente.

— Foi o que Nádia disse.

— Até do exterior me fazem consultas. Inclusive do Japão.

— Japão! — admirou-se o rapaz, fixando os olhos nas estantes.

— Sou uma espécie de banco de dados esportivos. Comecei na profissão aos 18 anos, estou com 82. Olhe naquela estante. São livros que publiquei sobre esportes. Cobri como repórter a Copa do Mundo de futebol de 1934! Certamente gostaria de me perguntar se vivi sempre nessa cadeira — prosseguiu depois de uma pausa. — Faz só vinte anos que fiquei tetraplégico, devido a um acidente automobilístico provocado por um

desses covardes que, tendo medo de enfrentar uma pista de competição, causam desastres nas ruas e estradas. Apenas uma das minhas mãos tem reduzido movimento. Uso-a para apertar o botão de controle remoto, que me serve para uma porção de coisas. A tecnologia moderna veio em meu socorro. Amo essa gente que facilita tudo inventando máquinas que funcionam com o simples apertar de botões. São beneméritos, gênios, santos. Meu Deus é a ciência, a técnica. Podem me acusar de materialista, mas é assim que penso.

— O senhor mora sozinho aqui?

— Uma velha empregada, surda como uma porta, limpa o apartamento e me dá comida na boca. Amigos me visitam diariamente e me auxiliam. Um deles, que tem a metade de minha idade, me dá banho duas ou três vezes por semana. Outro me leva passear em seu carro uma vez por mês. Ainda há pessoas generosas neste planeta. A elas, ao computador e ao controle remoto devo tudo, inclusive a possibilidade de trabalhar e ganhar meu dinheiro.

— Acho o senhor notável.

— Nem tanto. Há milhares e milhares nas mesmas condições e que não se entregaram. Não sou nenhum caso singular. Mas qual é a informação que você quer? Nádia disse que talvez dependa dela a localização de um criminoso.

— Meu pai foi condenado por um crime que não cometeu e eu e Nádia estamos tentando levantar novas pistas. A pessoa que procuro poderia nos dar algumas informações.

— Trata-se de algum esportista?

— Dizem que foi lutador, não sei de que modalidade. Otto Feld.

— Otto Feld?

— Baixo, troncudo, careca.

— Se fosse pugilista seria mais fácil lembrar. Otto Feld — repetiu, enrugando a testa.

Seria um teste desafiador demais para o senhor memória?

— Se não souber quem é, não faz mal.

— Não disse isso, moço.

— Acredito que não foi muito conhecido.

Olímpio apanhou com a boca um lápis que estava no pequeno bolso superior de sua blusa. E com ele começou a acionar as teclas do computador. Escreveu Otto Feld e apertou com a ponta do lápis uma tecla maior, em que se lia Enter. Houve uma espera curta, mas ansiosa. Depois a resposta: sem registro.

— Paciência — disse Mário, que lera na tela do computador. — Ninguém sabe nada desse Otto Feld.

— Não desanime tão depressa. Está fazendo uma investigação, não é?

— Mas se não está no computador...

— Otto Feld. O nome não me é estranho.

— Não?

— Parece inclusive que vi recentemente esse careca na televisão... Mas fazendo o quê?

— Balé clássico, suponho que não.

— Lembro que me fez rir. Pegue aquela pasta para mim, a de número 345. Veja que não tem ano nem mês na lombada. Pertence a uma linha que cataloga notícias referentes a esportes pouco praticados no país.

Mário pegou a pasta, abriu-a e começou a folheá-la ao alcance dos olhos do jornalista. As notícias referiam-se unicamente a corridas de animais como preguiça, jabuti e outros quelônios, todos lentos e inimigos de muito esforço. Até competições assim o jornalista arquivava. A pasta 346 reunia saltos ornamentais com pára-quedas. A 347 era toda dedicada aos aqualoucos, o palhaço do trampolim.

— Vire as páginas uma a uma.

— Mas isso é espetáculo, não esporte, resistiu Mário para não perder tempo.

— Há competições de aqualoucos. Luta livre sobre trampolins. A maioria fajuta, mas já houve até campeões dessa modalidade.

— Que pasta pego agora?

— Continue virando as páginas.

Mário obedeceu, um pouco desanimado.

— Talvez Otto lutasse judô, greco-romana...

— Pare.

— O quê?

— Eu disse pare.

— Guardo?

— Acabamos de achar.

— Não entendi.

— Não veio procurar informações sobre Otto Feld? Tem uma notícia sob seus olhos. Otto Feld. Lutou greco-romana, sumiu, depois, decadente, voltou como chefe de uma trupe de aqualoucos.

Incrível o homem da cadeira de rodas! Mário, antes de ler a notícia, viu a cara de lua cheia de um careca sorrindo. A legenda dizia: Mil dólares pra quem derrubar Otto do trampolim. A notícia falava do retorno de Otto Feld ao mundo das lutas, mas, desta vez, não sobre os tablados. Voltava sobre trampolim e vestido carnavalescamente de Pierrô.

— Aqui diz que se apresenta no Coliseu. Mas essa notícia tem quase um ano.

— No Coliseu dirão onde encontrar Otto.

Mário olhava Olímpio como se fosse um mágico.

— Como adivinhou que o homem virou aqualouco?

— Apenas me lembrei. Vi-o na televisão num programa de entrevistas que exibiu o teipe de seu show na piscina. Certamente aludiu ao seu passado de lutador quando alcançou alguns êxitos, principalmente na Europa. Bem, agora pode localizar o homem.

— O senhor foi fabuloso! Pode ser que o tal Otto não tenha nada a ver com o assassinato, mas estou muito grato. E vou dar mais um passo para tentar libertar meu pai.

Cara a cara com Otto Feld: A Fera

Nádia fez questão de acompanhar Mário aquela noite ao Coliseu, onde Otto e sua trupe voltavam para nova temporada. O lugar tinha o aspecto e a forma de um circo e exibia uma variedade de números sem a menor conexão. Apresentava shows eqüestres, cachorros amestrados, cantores que não tinham vez nas gravadoras e na televisão, macacos fantasiados, anões, gigantes, mágicos e muita gente andando sobre pernas-de-pau. Tudo muito pobre e sem graça. Quem tivesse algum bom gosto ou dinheiro não pisaria lá. Mário ficou sabendo que Otto era, com seus aqualoucos, um dos raros sucessos do Coliseu.

Quando Otto e seu grupo surgiram no trampolim, Mário e Nádia já estavam fartos do espetáculo. Tiveram que tolerar mais. Vestidos à antiga, com fraque ou casaca, ou encenando um casamento, a noiva de véu e grinalda, muita cartola, chapéu-coco e palheta, faziam com os convidados as maiores palhaçadas. O final, porém, era mais emocionante quando ele, vestido de Pierrô, e ostentando a tristeza lírica do infeliz apaixonado, desafiava os espectadores a derrubá-lo do trampolim por mil dólares pagos na hora. Era pior que montar touro bravo. Ninguém permanecia mais que cinco segundos sobre o trampolim. Logo a piscina ficava lotada de pessoas engolindo água e tentando atingir as bordas. Aí havia um rufar de tambores e fim do espetáculo. Todos se levantavam.

— Viemos de tão longe para ver isso! — lamentou Mário.

— Não estamos aqui para perder a viagem — disse Nádia. — Vamos conversar com esse louquíssimo aqualouco.

— Como conseguiremos?

— Ora, em vez de sair pela frente, como todos, vamos pelos fundos.

— Não tem medo, Nádia?

— O que ele poderá nos fazer? Jogar na piscina?

Foram para os fundos da casa de espetáculo onde muitos artistas que haviam se exibido já saíam. Nádia perguntou a alguém por Otto. Apontaram um galpão reservado aos aqualoucos. Alguns surgiam secando-se em toalhas de banho. Um dos desafiantes, ensopado, pingando, protestava aos berros. Ao ser lançado à piscina perdera os óculos. Ameaçava fazer escândalo se não lhe pagassem o que os óculos valiam. Otto foi chamado para resolver o caso.

— Por que não tirou os óculos antes de subir no trampolim?

— Vim sozinho, não tinha com quem deixar.

— Então deveria ter ficado na platéia, zarolho.

— Não sou zarolho.

— Mas é um imbecil.

— Imbecil ou não, quero meus óculos de volta.

— Ah, quer? Então vá procurar — disse Otto erguendo o reclamante nos braços e o transportando como uma carga qualquer para o interior do salão de espetáculos, seguido por um grupo de artistas que se divertiam com a cena inesperada.

Mário e Nádia foram atrás, vendo e ouvindo o homem berrando enquanto agitava os braços e as pernas. Seria cômico se o coitado não estivesse tão aterrorizado. Ao chegar à piscina, ainda iluminada, Otto fez o que já se esperava: atirou o fardo humano na água.

— Procure seus óculos. Não temos pressa.

Quando Otto retirava-se para o galpão dos camarins, Nádia o interceptou:

— Será que ele não vai morrer afogado?

Otto olhou para ela e Mário como se não lhe custasse nada atirá-los também na piscina.

— Querem ajudar ele a encontrar os óculos?

Nádia riu.

— Nem conhecemos aquele cara. Mas queríamos falar com o senhor.

— Sobre?

— Ricardo Canavieira ou Rico. Lembra-se dele?

O aqualouco não gostou de ouvir o nome.

— Um crápula. Sabe o que fiz quando soube que o assassinaram? Comemorei. Não costumo beber. Mas tomei até champanha.

O chato é que condenaram um inocente como seu assassino — disse Mário, saindo de seu silêncio.

— Todo criminoso se diz inocente.

— Mas esse pode provar onde estava na ocasião. É meu pai.

— Amigo de Rico?

— Foi, mas Rico o ludibriou.

Otto olhava a ambos desconfiado.

O que vocês querem de mim? Que confesse ter matado Rico? Isso?

— Não — respondeu Nádia. — Queremos que informe qualquer coisa que nos ajude a reabrir o processo. Como conheceu Rico bem, talvez

saiba de algum detalhe que possa nos auxiliar. Estamos contando com sua boa vontade.

Os difusos argumentos de Nádia não surtiram efeito.

— Não vou me meter nisso. Quando mataram aquele (um palavrão) eu estava em Buenos Aires. E pude provar. Comemorei o assassinato, como disse, mas continuei lá, me exibindo nas piscinas. É tudo.

— Talvez o senhor saiba de algo, desconfie de alguém que... — começou Mário. Mas foi bruscamente interrompido.

— Escute aqui, moleque. Se pensa que vou me enrascar com a polícia pra livrar a pele de seu pai, engana-se. É sonho. Para mim o caso está encerrado e não me interessa quem foi condenado pela morte daquele (outro palavrão).

— O senhor é muito estúpido — disse Nádia, já odiando o aqualouco.

— Sabe o que estou pensando? Que está mesmo envolvido no crime. — arriscou Mário.

Otto não falou, agiu. Tentou agarrar os dois.

— Mário, cuidado!

Os dois saíram correndo pelo Coliseu.

— Vou jogar vocês na piscina!

Mário jamais correria tanto, mas não podia deixar Nádia para trás. O aqualouco, perseguindo-os, chocou-se desarvorado num imenso cartaz de papelão, anúncio do Coliseu, que dois empregados transportavam. Furou o cartaz com o corpo e derrubou os carregadores. Deu tempo para Nádia tirar os sapatos, cujos saltos dificultavam a fuga. Ela e Mário poderiam ter alcançado a entrada principal, mas alguns homens sobre pernas-de-pau atrapalharam. Tiveram de dar uma volta pelo teatro, já vendo o robusto careca atrás deles. O pior é que não sabiam por onde sair.

Otto berrava:

— Segurem esses dois!

Não devia ter muitos amigos no elenco, porque ninguém cooperava com ele. Apenas um daqueles pernas-de-pau, talvez por brincadeira, bloqueou o caminho de Mário e Nádia, mas um esbarrão do rapaz fez com que perdesse o equilíbrio e desabasse das alturas sobre os cães amestrados que estavam sendo conduzidos para fora do Coliseu. A cachorrada começou a ganir nos mais diversos tons, enquanto corria em todas as direções. Que pandemônio! Os amestradores, gente que vivia do rigor de seu trabalho disciplinado, e que devia o pão de cada dia àquela ordeira matilha, temeram que os cães, rudemente dispersos, se ferissem ou mesmo se perdessem porta afora. Irritados, passaram a insultar o

perna-de-pau, causador do desastre, e o aqualouco que iniciara a confusão. A essa altura, o homem que Otto atirara à piscina saía e, junto dos amestradores de cães, tentava alguma desforra. Ilusão. O fortíssimo ex-lutador, explodindo por perto, arremessou-o pela terceira vez à água.

A queda do homem de perna-de-pau sobre a matilha foi providencial. Obra de nosso anjo da guarda, diria Nádia depois. Os dois encontraram uma saída e dispararam na direção do carro. A moça já engatava a segunda marcha, diante do Coliseu, quando o furioso Otto Feld apareceu articulando os braços e dizendo novos palavrões.

Nádia pisou no acelerador.

— O homem é uma fera — disse. — E tem não sei o quê na cabeça.

— Eu sei o que é mas não falo! — brincou Mário. — E que tutano! Deve ser capaz de lutar contra dez ao mesmo tempo.

— Mas de uma coisa me convenceu plenamente — garantiu Nádia.

— Convenceu do quê, madраста?

— Não tem nenhuma ligação com o crime. Odiava Rico, mas não o matou. Se fosse culpado, teria sido muito mais diplomático. É um bruto, um boçal, porém nesse crime não teve envolvimento.

Na pista da viúva enganada

O encontro com Otto Feld causou em Mário a maior canseira. Levara um grande choque e como correra! Mas, meia hora depois, ele e Nádia estavam no restaurante Mancini, morrendo de rir. Riso nervoso, descontrolado, mas riso.

— Imaginou tudo aquilo filmado? — perguntou Nádia.

— Nós correndo do careca, ele arrebatando o cartaz, meu esbarrão no perna-de-pau, o alvoroço da cachorrada, os amestradores furiosos com Otto... Acho que gostei do filme.

— Eu também, tanto que pretendo participar do próximo.

— Qual?

— Não temos que localizar Maria Domênica?

— É verdade. E, como Otto, não vai ser fácil. Talvez ainda mais difícil, porque ela não é conhecida na praça.

— O que Consuelo escreveu como orientação?

Mário tirou a lista do bolso. Leu.

— Maria Domênica. Costureira de novelas. O que quer dizer isso?

— Ora, quer dizer que costura roupas para novelas em alguma emissora de TV.

— Vai ser barra encontrá-la.

— Nem tanto. Atualmente apenas duas emissoras produzem novelas. Uma no Rio, a Mundial, outra em São Paulo, a SS TV. O que temos a fazer é ir na SS, que fica na Marginal.

— Quando?

— Na segunda-feira à tarde.

— Nos deixarão entrar?

— Eu trabalho no Departamento de TV e Rádio de minha agência de publicidade. Entro em qualquer emissora.

— Já pensou no que diremos a Maria Domênica?

— Nada em especial. Apenas tentaremos obter alguma informação que a polícia ignorou. Quem sabe ela possa nos conduzir para algum caminho novo, até mesmo indicar um suspeito. Às vezes uma dica qualquer, deste tamanhinho, soluciona um grande problema.

— Já estou ansioso. Maria Domênica odiava Rico, que se fingiu apaixonado por ela e acabou roubando o que herdara do marido, um

negociante de móveis velhos. Chegou a tentar o suicídio e jurou matar Rico. Essa mulher, tão magoada, deve ter algo a dizer. O que acha?

— Acho que esta lasanha está uma delícia.

— E eu deixando esfriar...

A costureira da TV em Foco

Na segunda-feira, 15 horas, o carro de Nádia estacionou nas imediações da SS TV, com Mário a bordo. Ele jamais havia entrado nem mesmo numa emissora de rádio. Nádia, na agência, especializara-se em bolar e produzir comerciais de TV, daí conhecer e ser conhecida em todos os canais. À portaria tiveram de deixar as carteiras de identidade e prender à altura do peito os crachás de visitante. Nádia disse que iria ao departamento comercial, mas tomou outro rumo.

— Veja os estúdios — ela mostrou, apontando imensos galpões. — Vamos até lá nos informar onde ficam as costureiras.

Ao se aproximarem, viram um grupo de atores vestindo luxuosas roupas antigas. Eram nobres, damas da corte, padres e soldados. Escravos carregavam liteiras douradas. Muito penacho, franjas e polainas. Subitamente, os visitantes sentiram-se como se o tempo tivesse recuado quase 200 anos.

— Estão gravando uma novela de época — disse Mário, encantado.

— Li nos jornais. Ambientada nos tempos imperiais. Aquela atriz bonita deve estar fazendo o papel da marquesa de Santos, a grande paixão do imperador. E lá está dom Pedro — reconheceu Nádia, vendo um personagem com longas costeletas.

Mário riu. Um ator que, pelas vestes, provavelmente era o velho José Bonifácio chegava dirigindo uma moderníssima motocicleta.

— É divertido isto aqui! — exclamou.

Nádia dirigiu-se a um personagem com a cara do Chalaça, o inseparável amigo de dom Pedro, bandalho, que vivia criando confusões na corte.

— Onde é a seção de costura?

— Naquele prédio ali, minha senhora — respondeu com uma formalidade engraçada.

Nádia e Mário entraram num salão onde um pequeno exército de costureiras trabalhava em máquinas de costura ou manualmente com agulhas. Uma delas, visivelmente a chefe, dava ordens em voz alta, lembrando que o serviço estava muito atrasado. O clima ali era de pressa e nervosismo. Sempre acontecia assim, diziam, no início das gravações.

— Alguma tem jeito de Maria Domênica? — brincou Mário.

— Só perguntando mesmo. — Perguntar à chefe, elétrica demais e dando bronca, não seria aconselhável. Nádia dirigiu-se a uma costureira que pregava botões numa farda.

— Trabalha aqui Maria Domênica?

— É aquela ali.

Maria Domênica, curvada sobre um vestido rodado, trabalhava com a boca cheia de alfinetes. Estava atarefada e nervosa. Não era nada bonita nem devia ter sido. Para Rico, via-se, com sua bela pinta, bom de papo, fora fácil conquistá-la.

— Está muito ocupada. Vamos esperar naquele canto.

A chefe chegou-se a eles, rude:

— O que querem aqui?

— Falar com Domênica.

— Ela está atrapalhada. Sejam breves.

Tiveram forçosamente de se aproximar da costureira.

— Maria Domênica?

— Sou, por quê? — assustou-se.

— Vejo que tem muito que fazer; a que horas sai?

Domênica ficou ainda mais assustada.

— Mas o que querem?

— Falar sobre Rico.

— Rico? Falar o que sobre Rico?

Aquilo não era mais susto, virara espanto.

— Não é melhor voltarmos no fim do expediente? — perguntou Nádia.

— O que querem saber? Quando mataram ele eu já não o via há muito tempo — defendeu-se.

— Não a estamos acusando de nada.

— Então o que vieram fazer aqui?

— Meu pai foi condenado pelo assassinato de Rico — disse Mário. — E não foi ele o assassino. Estamos fazendo novas investigações.

Maria deixou cair a tesoura e os alfinetes. Tremia.

— E o que tenho com isso?

— Apenas queremos que nos auxilie. — insistiu Mário.

— Se prenderam seu pai, não tenho culpa — ela protestou, derrubando mais alfinetes.

— Não estamos dizendo que tem.

— A polícia me interrogou na ocasião. Não tenho nada a ver com o crime.

— Sabemos disso.

— Sofri muito por causa de Rico — ela prosseguiu. Tomei veneno. Agora vêm vocês...

— Acalme-se, por favor — pediu Nádia.

— Eu quero esquecer de tudo, entende? Quero esquecer. Aquele maldito me abandonou, levou meu dinheiro...

Uma atriz acercou-se irritada. Quem conhecesse um pouco de História a reconheceria: a imperatriz Leopoldina, sofredora esposa de dom Pedro I. E pelo visto continuava sofrendo.

— Veja o que fez com meu vestido! — disse à costureira, exibindo a barra da saia. — Você não seguiu o modelo do Cleo.

— O que há de errado com essa barra?

— O que há de errado? Onde inventou essa dobra? — replicou a atriz, que também era temperamental.

— Você nunca está satisfeita. Já estou farta de tolerar estrelas.

A chefe correu com panos quentes.

— O que houve? A gente dá um jeito.

— Posso gravar com a barra assim, posso? Tem muita costureira incompetente aqui! — disse, fervendo, a atriz.

— Quem é incompetente?

— Maria, de fato essa barra não está de acordo — ponderou a chefe. — Vamos consertar.

— Eu não conserto nada — gritou, sim, gritou, Maria Domênica. — Essas mulheres me torram a paciência.

— Essas mulheres? — explodiu a atriz. — Veja como essa costureirinha me trata! Como se eu estivesse estreando hoje.

E, sem mais palavras, começou a despir o grande vestido rodado sem se preocupar com a presença de um rapaz ali, jogando-o como um pára-quedas aberto sobre a costureira.

Domênica começou a chorar.

Mário e Nádia entreolharam-se sem saber o que fazer. Ela tomou a decisão, puxando-o pela mão para fora do departamento.

Adoradores do diabo

Anoitecia. Maria Domênica transpôs o portão da SS TV depois de marcar o cartão. Havia uma fila no ponto de ônibus. Devia ser lá o calvário diário da costureira.

Um carro parou e um rapaz lhe fez um sinal.

— Carona?

Maria olhou, olhou, e não disse nada.

Nádia saiu do carro e foi até a fila.

— Parece que começou uma greve de ônibus. — Inventou. — Levo a senhora.

Ainda assim Maria Domênica resistiu um pouco, mas entrou no carro. Os olhos continuavam avermelhados devido à choradeira. Estava assustada no banco traseiro do carro como se agentes da polícia a levassem para trás das grades.

— Antipática aquela atriz — disse Nádia.

— Todas tratam mal as costureiras. Humilham a gente. Não hei de assistir um só capítulo dessa novela.

A viagem era longa. A rua onde Maria morava era do lado oposto da cidade. Não diziam nada e ela continuava inquieta como se a pressionassem.

— O que a senhora sabe que não quer nos contar? — perguntou Nádia.

— O que eu sei?

— A senhora sabe de alguma coisa, sim. — disse Nádia sem nenhuma agressividade.

Mário sabia que a parceira estava blefando. Arriscava um lance, nada mais. Colaborou com ela fazendo cara de quem conhecia parte da informação solicitada.

— Jurei que mataria Rico, mas não o matei.

— Sabemos disso — disse Nádia. — Não o matou.

— Temos certeza de que a senhora não está envolvida no assassinato daquele salafrário — reforçou Mário.

Maria Domênica respirou, separando as mágoas da tarde das apreensões noturnas.

— O que sei é pouco...

— Pouco pode ajudar muito — encorajou-a Nádia.

— É sobre aquela roupa — murmurou.

— A roupa que ele usava quando foi encontrado no porta-malas? — perguntou Mário.

— Sim, aquela.

— A de diabo? — insistiu Nádia.

— A de diabo.

— O que tem a dizer sobre ela? — perguntou Mário como se tocasse a chave do grande mistério.

— Eu que fiz aquela capa.

— A senhora?

— Não sei fazer roupa de homem, mas ele insistiu.

— Ele quem?

Maria Domênica voltou a chorar.

Nádia, a um passo da importante revelação, começou a ter dificuldade para dirigir, quando aquela hora de rush exigia atenção.

— Cuidado. — Nádia advertiu o rapaz. — Não vá bater agora.

— Maria, pra quem fez a capa? — interrogou Nádia com a voz alterada.

A costureira chorava um tonel de lágrimas.

— Ela vai dizer, Nádia, calma.

O carro parou diante de um sinal vermelho. Maria, totalmente descontrolada, tentou escapar. O rapaz saiu do carro e foi sentar-se com ela no banco de trás.

— Maria, ninguém quer lhe fazer mal. Só queremos saber pra quem fez a roupa.

— Para Rico.

— Por quê? Ele freqüentava bailes à fantasia? Pelo que sei, não existem mais.

— Ele disse que era para dançar fantasiado. Mas não era.

— Então era para quê?

Contou:

— Ele gostava de magia negra, rodas de Exu, tudo que invocasse Satã. Aprendera essas coisas com uma mulher que o criara. Dizia-se protegido por essas forças. Comigo se abriu porque precisava da capa preta, mas não falava de suas devoções a ninguém. Pegava mal, um

homem bem relacionado como ele, mexendo com sangue de animais, fumando charuto e bebendo cachaça na companhia de adoradores do diabo.

— Ia freqüentemente a essas sessões?

— Quando lhe faltava dinheiro, sim.

— Falou à polícia que foi você quem confeccionou a capa? — perguntou Nádia.

— Não. Eu já não vivia mais com ele. Se falasse da capa, poderia chamar suspeita sobre mim. Preferi me calar.

Nádia tinha outra pergunta importante a fazer.

— Sabe qual era o centro ou terreiro que ele freqüentava? Pode ter sido lá que o mataram.

— Não sei — disse ela. — Eu detesto essas coisas, me assustam, nem quis saber. Por outro lado, ele guardava sigilo. Geralmente nem ia com seu carro, temendo ser identificado. Levava a capa embrulhada.

— Conhece alguém que saberia informar?

— Não senhora. Esses amigos de Rico eram outros. Gente da periferia que talvez nem soubesse quem ele era.

Mário caiu em desânimo.

— Sem saber em que antro costumava ir, não descobriremos nada.

Chegaram, finalmente, ao endereço de Maria. Morava numa casa de cômodos. À despedida, perguntou:

— Vão falar à polícia da capa que eu fiz?

— Não vamos — garantiu Nádia. — Procure dormir em paz, dona Maria. E agradecemos a informação.

Mário passou para o banco da frente.

— O que acha, Nádia?

— O criminoso era um adorador de Satã ou alguém que seguiu Rico até o terreiro.

Isso parece complicar o enigma em vez de lançar sobre ele alguma luz, — comentou Mário. — O que faremos agora?

— Está perdendo o rumo, rapaz? Vamos localizar Denis Durant a partir de amanhã.

Denis Durant, DD, Ex-Rei do Rock

Dos três nomes da lista de Consuelo, o de DD era o que mais despertava a curiosidade de Mário. Ele era ainda garoto no apogeu de sua banda, mas sucesso musical sempre deixa eco. Às vezes as rádios tocavam seu rock, mais doce e amigo dos tímpanos que os atuais. Para localizá-lo, Nádia fez meia dúzia de inúteis telefonemas. Ninguém sabia onde estava.

— É cruel verificar isso — ela comentou. — Por mais famoso que o artista seja, assim que a mídia, os meios de comunicação, o trocam por outro, cai no mais profundo esquecimento.

— Tenho certeza de que meus colegas de escola nunca ouviram falar do DD.

— Nesses casos temos de recorrer às entidades de classe. Há uma que recolhe direitos autorais dos compositores. Com certeza Durant já foi associado.

A informação foi imediata. Denis ainda recebia algum direito autoral. Não, não trabalhava mais. Vivia num sanatório para tratamento de drogados, sustentado por essa boa gente que ajuda vítimas do tóxico.

No mesmo dia, desta vez no carro de Mário, dirigiram-se a uma distante casa de saúde, especializada em recuperar drogados. Na portaria, estranharam a visita. Ninguém procurava Denis. Mesmo assim, informaram, não se sabia como, às vezes se drogava. Certamente recebia tóxicos de outros enfermos.

— Se quiserem podem nos revistar — disse Nádia, já abrindo sua bolsa. — Precisamos conversar com ele.

— Não vai ser fácil. Acompanhem-me.

O sanatório tinha bom aspecto, muito verde, muita ventilação, mas raros enfermeiros e serviçais. A assistente disse que a casa enfrentava grande crise. Denis vivia no porão de um dos pavilhões, o destinado a indigentes. Três internos em cada quarto. No momento morava sozinho porque um companheiro se enforcara e outro fugira.

— Denis não está em condições de fugir. Entrem.

DD estava deitado na cama, mas inclinado sobre o criado-mudo. Com a ponta dos dedos, marcava o compasso de uma música que só ele ouvia, obsessivamente. Com cabelo comprido, jeans e blusa, concentrava-se no ritmo que imprimia às obedientes falanges. Nádia e Mário ficaram a observá-lo sem serem notados. Os dois trocavam olhares, um estimulando o outro a falar.

— Como vai, Denis? cumprimentou a moça.

Ele continuou a marcar o compasso que o infinito lhe mandava. Nenhum sofrimento ou satisfação, apenas o cadenciado toque de dedos.

Era a vez de Mário tentar.

— A gente gostaria de bater um papo, Durant.

Nenhum resultado. Sem a perseverança de Nádia, Mário pensou em desistir da tarefa.

— Ainda achamos você formidável, DD! Não surgiu mais uma banda igual a sua.

Nada.

— Está compondo alguma música?

Nada.

Como se apontasse uma flecha, Nádia disparou:

— Lembra-se de Rico?

Os dedos ficaram subitamente mais lentos, perderam o ritmo, pararam de marcar o compasso. Mas Denis continuou curvado sobre o criado-mudo, sem ver os visitantes.

Mário e Nádia sentiram esperanças de manter contato com o mundo escuro e exclusivo do músico. O caminho estava aberto.

— Sabe que foi assassinado? — perguntou Mário.

O rosto de Denis foi se voltando lentamente na direção de Mário e Nádia. Fixou-os com um olhar inexpressivo, mas firme. Olhava-os como se fossem transparentes, nenhuma curiosidade.

— Não suporto isso — disse o rapaz. — Vamos embora.

— Acho que nem nos vê — admitiu Nádia. — Vamos.

Movimentavam-se rumo à porta quando ouviram a voz de Durant.

— Eu matei Rico?

Nádia e Mário reaproximaram-se, surpresos.

— Você não lembra? — Nádia perguntou.

— Eu matei Rico? — repetiu.

Mário e Nádia olhavam-se. O que deveriam dizer ou perguntar a um homem naquele estado?

— A gente não sabe — começou o rapaz. — Conte-nos como foi.

— Rico era mau — balbuciou.

— Ele prejudicou você e por isso o odiava — disse Nádia como se desse uma deixa a um ator teatral que esquecera o papel no palco.

Pela primeira vez o rosto de Durant revelou alguma expressão, medo.

— Ele era o diabo.

Houve uma pausa que encheu o espaço de apreensões.

— Rico?

— Rico.

Lembrando-se da capa, costurada por Maria Domênica, com a qual Rico fora encontrado no porta-malas, Mário perguntou:

— Está querendo dizer que ele se vestia como diabo?

O drogado balançou a cabeça afirmativamente.

— Você o viu vestindo uma capa preta? — reforçou o rapaz.

— Vi, molhada de sangue.

Mário, precipitando-se, queria uma confissão.

— Não se lembra se o matou? Foi num terreiro de magia negra. Rico ia sempre lá com a capa. Você freqüentava o mesmo terreiro?

Denis riu ou fez algum movimento com os lábios que imitava um sorriso.

— Estive com Rico no Haiti.

— No Haiti?

— Lá tem o vodu. Rico ia sempre. Bebia-se sangue de animais sacrificados. Ele participava das cerimônias.

— Quando voltaram, encontraram-se nos terreiros? — prosseguiu Mário.

— Eu o vi uma vez, duas...

Mário acercou-se dele. Tocou-o com as duas mãos.

— Você o viu e o matou. Foi assim?

Uma longa pausa e grandes olhos esbugalhados. E maior ainda a expectativa da resposta.

— Você o matou? — pressionou Mário.

— Eu matei Rico? — ele tornou a perguntar. — Matei?

Mário olhou Nádia como se lhe pedisse socorro. Ela segurou ternamente a mão do drogado. Talvez meios femininos funcionassem melhor.

— Somos seus amigos, Denis. Gostamos de sua música. Havia uma que foi minha preferida no colégio: Meu anjo da guarda roubou minha namorada. Você nos fazia tão bem!

Denis apertou a mão dela, forte, quase machucando.

— Todos esqueceram DD.

— Nem todos. Ainda tem admiradores. Depende de você sua recuperação.

— Estou num grande redemoinho. Gira, gira, gira.

— Alguma coisa movimentou essa roda que não pára. Procure lembrar. Se conseguir, poderá sair daqui. Tudo começou com Rico, não? Ele o deixou no exterior, fugindo com o dinheiro dos shows. Você, então, se pegou no tóxico para ter coragem de vingar-se. Passou a freqüentar terreiros onde poderia encontrá-lo. Uma noite o viu, numa cerimônia, vestindo aquela capa preta.

— Eu estava acompanhado. Alguém ia comigo — esclareceu, falando quase normalmente.

— Continue — Nádía animou-o.

— Lá não era lugar para me curar de nada — prosseguiu Denis, apelando ao fundo da memória. — Havia imagens do demônio por toda a parte. Batuques, danças, pessoas que caíam em transe. Deram-me de beber aguardente. Tive alucinações e perdi a consciência. Dois dias depois soube que Rico havia sido assassinado vestindo aquela capa. Então usei mais tóxicos e despenquei.

— Não lembra de tê-lo assassinado?

— Apenas de ter acordado no dia seguinte no meu apartamento. Algum tempo depois trouxeram-me para cá.

A última pergunta do encontro coube a Mário fazer.

— Quem o levou ao terreiro? Essa pessoa certamente sabe o que aconteceu naquela noite. Nem todos que vão aos terreiros caem em transe, perdem os sentidos.

Era de fato uma boa pergunta, pois, localizado esse amigo de Denis, ele e Nádía não precisariam depender mais de sua memória enferma.

— Quem? — Algum músico?

— Até há pouco eu lembrava.

— Então não era nenhum velho amigo, uma pessoa íntima?

— Acho que não.

— É importante lembrar isso — frisou Mário.

— Não consigo agora.

— Essa pessoa nunca veio visitar você?

— Não.

— Não? Estranho.

— Acho que não.

Entrou a assistente que os recebeu na portaria.

— Não é aconselhável visita muito longa.

— Já vamos.

— Seria capaz de me telefonar se lembrar dessa pessoa? — perguntou Nádia retirando da bolsa um cartão da agência. — Meu nome é Nádia, está aqui. Lembre-se e faremos algo por você. Um espetáculo para rever Denis Durant, por que não?

À saída, a assistente tornou a confirmar que Denis não recebia visitas. Nunca vira nenhuma desde que trabalhava lá, há um ano. Um homem, de raro em raro, telefonava, mas o ex-músico não o reconhecia nem pelo nome nem pela voz.

Já no carro, Nádia comentou:

— Que caco de gente ele virou.

— Acha que foi ele quem matou Rico?

— A pessoa que o levou ao terreiro deve saber. Mas ela, claro, não informaria à polícia. Por que correria o risco de ser acusada de parceria no crime?

— A não ser... — começou Mário tendo uma idéia fantasiosa à qual pôs reticências em seguida.

— A não ser o quê?

— Que essa pessoa, desaparecida, sabendo dos passos de Rico naquela noite, seja o próprio assassino.

Que imaginação! — Mas por que levaria Denis consigo?

— Porque às vezes os drogados também têm sua utilidade.

Um anjo da guarda se apresenta

Não era necessário informar Consuelo das ocorrências, mas, depois das entrevistas em parceria com a madrasta, Mário quis relaxar. Esse desejo o levou a pensar em Lupe. Não esquecera dela. Sentia-a no tablado do Dinossauro Azul dançando ao som daqueles ritmos contagiantes. Precisava esquecer um pouco os problemas e divertir-se. Já ia sair quando tocaram a campainha.

Era Roque Elias, sorridente.

— Sabe onde estive? — perguntou. — Visitando seu pai.

— Entre, por favor. Então foi visitá-lo, seu Elias?

— Venci minha covardia e fui. Tinha medo de chorar como um bezerro desmamado.

— Como papai estava?

— Melhor do que o imaginava. Achei-o esperançoso. Ele confia muito em você e em Nádía.

— Confia? Mas quase me convenceu a não me meter nisso.

— Da boca pra fora. Está orgulhoso de você. Acredita que vai chegar lá.

— Gostaria, mas não é mole.

— Ele me pediu para ajudar vocês no que for possível. Já tinha me prontificado, mas fiquei nas minhas rezas. Mas posso fazer mais que rezar. Convoque-me quando quiser, Mário. Quero provar a mim mesmo que não sou uma inutilidade total.

Mário abraçou-o, comovido.

— Se rezou por meu pai já fez muito, mas se precisarmos o convocarei, sim.

— Miro me contou que vocês estavam fazendo umas investigações.

— Fizemos três. Descobrimos a costureira daquela capa preta e o DD, um roqueiro que ficou tantã depois de roubado por Rico. A mais útil delas. Esse DD teria sido uma das últimas pessoas a ver o salafrário, num terreiro de magia negra. Rico dedicava-se a isso.

— E ele esclareceu muita coisa?

— Não, porque não se lembra do que aconteceu naquela noite. Mas uma pessoa o levou até lá. Estamos à procura dela.

— Mário, cuidado. Ainda é jovem para correr grandes riscos. Seu pai não suportaria que algum mal acontecesse a você ou a Nádía. Se tiver de

enfrentar perigo, chame seu vizinho do lado. Já vivi bastante e, se quebrar a cara, ninguém irá lamentar. Talvez eu não seja a pessoa certa para solucionar mistérios, mas devido à minha altura posso impressionar como guarda-costas. Tenho agora um bom auxiliar na loja.

— O senhor é um amigo.

— Por isso mesmo não hesite em me chamar. Tempo tenho sobrando.

Merengue no Dinossauro Azul

— Mário, não hesite em me chamar — insistia o atencioso vizinho, oferecendo ajuda ao rapaz.

Mário dirigiu-se ao Dinossauro Azul com o pensamento fixado na solidariedade de Roque Elias. Em certas horas um amigo vale muito. Descobrira-o quando o nome de seu pai ocupara as manchetes dos jornais. A desgraça agira como uma peneira pela qual passaram apenas Nádia e Roque Elias. E quem sabe este, com tanta disposição, pudesse dar uma ajuda importante.

O Dinossauro Azul não vivia suas noites de euforia, mas também não estava vazio. Mário sentou-se num dos bancos altos diante do balcão. Não gozava de intimidade para ir diretamente ao apartamento de Consuelo nos fundos. Pediu um refrigerante, à espera de ver algum conhecido. E logo viu um, Ramon, o bandido mexicano, sócio da mãe de Lupe.

Ramon aproximou-se do rapaz, expansivo, simpático.

— Desapareceu, muchacho?

— Estive muito ocupado.

— Lupe pensou que não voltasse mais. A coitadinha anda toda chorosa pelos cantos.

Ouvir isso era como o som gostoso das cachoeiras. Só comparações exageradas cabiam. Lupe chorando pelos cantos! E por causa dele!

— Ela está aqui? — perguntou.

— Está a irmã gêmea dela — brincou Ramon apontando Lupe que se deslocava entre duas fileiras de mesas.

Mário correu ao seu encontro.

— Lupe!

A moça morena também correu e abraçaram-se.

— Por que demorou tanto?

— Não sabia que estava demorando tanto.

— Só não telefonei porque não sabia para onde.

— Veja o Ramon! Parece feliz em nos ver juntos. — admirou-se Mário.

— Ele é legal.

Uma pergunta-teste, para sentir onde pisava:

— Sua mãe também vai ficar contente?

— Por que não?

Consuelo não dissera à filha que o pai de Mário era o homem acusado de ter matado Rico, ele percebera. Para não tirar o encanto do namoro? Ou por outro motivo mais... enigmático? Foram sentar-se, mãos dadas. Perto de Lupe, Mário lembrava-se de que era jovem. Ainda não curtira seus 18 anos. Premido pelo drama familiar, tivera de esquecer a juventude. E era tão bom falar bobagens, amenidades, abobrinhas. A vida também é isso. Sorriu.

— Do que está rindo, turista?

— Acho esse lugar incrível.

— Aqui é bom porque não se paga nada — disse Lupe.

— Gostaria de pagar por todo esse prazer.

— Ramon não permitiria.

— Você gosta muito dele, não?

— Demais. Ele é bruto só no aspecto. Por dentro é algodão-doce.

Outra pergunta-teste:

- E sua mãe, gosta assim dele?

— Ele gosta muito mais. Seria capaz de matar por causa dela.

— Matar? Isso dá filme.

— Ele já foi sacristão, bandoleiro e palhaço — ela disse rindo.

— Conheceram-se recentemente?

— Não, já se conheciam desde que ela era casada com Rico.

Um novo ritmo encheu o salão e sacudiu os lustres.

— Que música está tocando?

— Um merengue. Vamos nós?

Para Lupe, dançar era atingir a plena felicidade. Ela brilhava de alegria. Encarnava os ritmos da música. Gilda e suas amigas apenas exibiam roupas. Dançavam para serem notadas nas danceterias em voga no momento. Será que é amor isso o que ela me faz sentir, ou qualquer coisa no Dinossauro Azul me enlouquece? — perguntava-se Mário. Ia formular-se novas perguntas quando ela gritou para que ele ouvisse, apesar do som maciço do merengue:

— Estou apaixonaaada por você!

Ele também sabia gritar.

— Eu estou mais aiiinda!

— Mentiroso! Eu é que estou maaais!

— Estamos igualmente apaixonados — ele admitiu.

— Então fale com mamãae. Jááá.

Mário, dançando, a levou para mais longe do alto-falante.

— Falar com ela?

— Tem medo?

Lupe desafiou-o com ar de brincadeira. Ou era coisa séria?

— Se tenho medo? Não.

— Então vá.

— Vou. Dona Consuelo, estou apaixonado por sua filha, direi.

E foi. Mário precisava mesmo falar com Consuelo. Dirigiu-se ao devassado apartamento dos fundos. Ela fumava largada sobre uma poltrona, provavelmente à espera de seu turno.

— Posso entrar?

Consuelo não o recebeu com sorriso.

— Já viu Lupe?

— Já dançamos até.

— Quero dizer que não sou contra esse namoro — foi dizendo — mas recomendo prudência. Seu pai foi condenado por ter assassinado o ex-padrasto dela. Não contei nada a Lupe, ainda, mas seria um choque para ela saber disso. Gostaria de evitar problemas futuros.

— Eu contarei tudo a ela mais tarde quando já tiver alguma prova da inocência de meu pai — garantiu o rapaz.

— Chegará esse dia? — duvidou Consuelo, ironicamente.

— Eu e Nádia estamos investigando. Fizemos as visitas.

Uma pergunta cheia de fumaça.

— Conseguiram localizar aquela gente?

— Conseguimos e fizemos progresso. Ficamos sabendo sobre Rico algo que dá novo rumo às investigações. Seu grande interesse por bruxarias e magia negra. A senhora ignorava isso?

Mais que dar uma resposta, Consuelo teve de fazer uma revelação.

— Não, era assunto que não propagava. Dizia-se homem civilizado, um animal das metrópoles. Contudo, desde a infância o aproximaram de centros e terreiros onde nem sempre se evoca o bem.

— A capa de diabo que usava ao ser assassinado era dele — disse Mário com firmeza.

Mais fumaça.

— Como sabe?

— Maria Domênica a costurou quando se apaixonou por ele. Nunca viu a capa?

— Rico tinha suas gavetas secretas. Talvez guardasse nelas muambas e drogas. Quando ficava sem dinheiro, negociava qualquer coisa. Mas o que sabem mais?

— Parece evidente que o assassinaram num desses terreiros: o uso da capa indica. Mas não sabemos qual. Denis Durant, o DD, o viu numa sessão de magia negra, porém pouco lembra. Ficou desmemoriado. Ainda se pergunta se foi ele quem matou Rico. Pode ter sido ele mesmo, motivo tinha. Ele ou seu acompanhante.

— Que acompanhante?

— Ele contou que foi levado por alguém ao terreiro. Essa pessoa pode ter se servido de um dependente como ele para se livrar de quem também desejasse matar.

— Tudo isso é muito complicado — disse Consuelo levantando-se, já desinteressada. — E não explica o cadáver de Rico no porta-malas do carro de Miro, contra quem se queixara na delegacia. Não façamos tão pouco da polícia, Mário. Ela foi pela lógica. Outra pessoa, por mera casualidade, colocaria o cadáver de Rico no porta-malas do carro de Miro? Quer saber — ela alterou-se — quanto mais se remexe no caso, mais me convenço de que só Miro poderia ter sido o assassino. Desculpe dizer. Miro sempre me pareceu ótima pessoa, gostava dele, no entanto...

Mário largou-se numa poltrona, desvalido. Tudo sempre acabava no porta- malas.

— Mas dona Consuelo...

— Levante-se, Mário — ela ordenou. — Volte ao salão. A casa está boa para uma quarta-feira. Lupe deve estar estranhando sua demora. Divirtam-se.

— Posso ir mesmo?

— Estou mandando.

Frases corroendo o sono como ratos

Mário foi uma das últimas pessoas a deixar o Dinossauro Azul. Dançara o tempo todo com Lupe, o que era um grande prazer, mas o esforço físico visava também triturar em mil pedaços o ceticismo de Consuelo. A possibilidade de ter sido seu pai mesmo o assassino era inaceitável. Algumas frases de Consuelo, porém, repetiam-se nos seus ouvidos.

"Tudo isso é muito complicado e não explica o cadáver de Rico no porta-malas do carro de Miro, contra quem se queixara na delegacia."

"Não façamos tão pouco da polícia, Mário."

"Quer saber, quanto mais se remexe no caso, mais me convenço de que só Miro poderia ter sido o assassino."

Ouviu-as pelo trajeto, na garagem do edifício e mais nitidamente no silêncio do apartamento. Tomou um banho. A voz de Consuelo parecia soar pelos orifícios do chuveiro.

Por que ela dissera essas coisas? Para afastar de si e de Ramon, os assassinos, o feixe de luz das investigações, ou porque as pistas resultantes da lista tríplice que ela própria fornecera honestamente nada evidenciavam? Preferia imaginar Consuelo distante do crime. Ela era a mãe de Lupe. Se suas investigações resultassem na prisão dela, Lupe jamais o perdoaria.

Por outro lado, se nenhuma suspeita se confirmasse, isso levaria à conclusão de que Miro...

Mas Miro tinha seus álibis.

Lembrou-se do tribunal. O advogado de acusação, profissional tarimbado e vitorioso, sempre falando como se representasse no cinema ou na televisão, dissera e repetira muitas vezes ao corpo de jurados:

— Os álibis de seu Teodomiro são certinhos demais. Todos se encaixam. Parece que fez questão de ser visto por muita gente que confirmasse seus passos depois. Para um balconista de livraria, até perguntou: "que horas são?", apenas para marcar sua presença e hora no local. Conversou com o dono de uma banca de jornais a quem sempre meramente cumprimentava. Álibis perfeitos. Somente jurados ingênuos acreditam neles. Quem não é culpado de nada não solicita que se registre sua passagem por aqui ou ali. A minutagem do seu trajeto naquela noite foi a de um frio assassino.

Mário lembrou-se desse argumento, frase a frase. Percebeu que o jovem advogado de seu pai balançou ao ouvi-lo. Ou seja, perdeu o

equilíbrio e o rumo de suas investigações. Quando voltou a falar, tropeçava nas palavras, perdia-se, esmorecia.

"Álibis perfeitos." Mais que simples observação, a fala do advogado de acusação soou no tribunal como uma acusação. A prova da inocência virou um atestado de culpabilidade.

Mário não dormiu mais que uma hora aquela noite. As poucas frases lembradas corroeram-lhe o sono como ratos. Ao amanhecer já decidira o que fazer naquele dia.

Nestor G. Cintra - Advogado

Mário dirigiu-se ao escritório do doutor Nestor sem marcar consulta. Não estava com disposição para esperar hora e dia marcados. Chegou antes dele e tomou uma porção de xícaras de café até que ele aparecesse. O reencontro, na sala de espera, não mereceu nenhum abraço. O advogado já foi dizendo que dispunha de pouco tempo.

— Serei breve — prometeu Mário entrando na sala.

— Novidades?

— Eu e Nádia estamos investigando. Pelo menos já descobrimos por que Rico usava a capa preta. Era adepto do satanismo. Ela foi confeccionada por uma tal Maria Domênica que viveu com ele em certo período. Imaginamos que ele foi morto nas proximidades de algum terreiro. Foi visto em um por Denis Durant, um roqueiro drogado que vive num sanatório.

— E de positivo? Falo pão, pão, queijo, queijo, o que descobriu?

— Como, positivo?

— Algo que seja mais que suposições. Por exemplo: como o corpo de Rico foi parar no porta-malas? Afinal, não se tratava de um desconhecido. Era o grande inimigo de Miro. O homem que o roubara e que até tentara conquistar sua noiva. Isso que precisa ser esclarecido.

Mário sentiu dores. Quando cessam os argumentos, o corpo dói.

— Doutor Nestor, queria lhe fazer uma pergunta. Por causa disso que vim aqui. Seja sincero. Sua palavra pode até ser decisiva.

O advogado sentou-se, concentrado.

— Pergunte. Direi o que penso.

O senhor acha que meu pai realmente matou seu ex-sócio?

Nestor acomodou-se melhor na poltrona. Ficou olhando para uma estatueta sobre a escrivaninha. Não responderia precipitadamente.

— Aceitei defendê-lo porque é um homem muito simpático, tem ótimo nível cultural e pareceu-me até ingênuo em certas coisas. De assassino não tem a aparência física nem o retrato psicológico. Durante o processo, porém, senti que a tese da defesa não se sustentava. Sou um jovem advogado, mas duvido que outro, mais experiente ou renomado, conseguisse libertar seu pai.

— Acha, então, que ele matou Rico?

O advogado voltou a fixar a estatueta.

— Hoje tenho a certeza. Deve ter perdido a razão momentâneamente e cometido o crime. Mesmo não sendo uma pessoa agressiva. Há impulsos maiores do que nossa possibilidade de controle.

Era duro ouvir aquilo, mas outra vez foi necessário agir como homem-feito.

— Sendo assim, não se preocupe mais com o caso, doutor. Boa tarde.

Madrugada no estacionamento vazio

Mário voltou ao apartamento deprimido. Não porque não pudesse contar mais com o doutor Nestor. Havia muitos outros e melhores na cidade, mas porque era outra pessoa que declarava não crer mais na inocência de seu pai. Na noite anterior, num desabafo, ouvira o mesmo de Consuelo. Sete jurados haviam votado pela sua culpa. A imprensa toda fizera o mesmo julgamento. Para não cair em depressão, decidiu procurar Nádia. Conversar sempre fazia bem aos dois. Precisavam decidir qual seria o próximo passo das investigações, mas queria também contar-lhe algo mais ameno, como sua noite com Lupe no Dinossauro Azul. Nem telefonou. Dirigiu-se para o apartamento. Tocou a campainha. Uma moça abriu a porta. Sabia pelo interfone quem era o visitante.

— Pode entrar. Nádia está deitada.

— Doente? Não quero perturbar.

— Até pediu que ligasse a você.

Mário entrou no living.

— Aconteceu alguma coisa?

— Ela tomou um sedativo. Estava muito nervosa. Foi bom você ter vindo.

— Foi à agência hoje?

— Não, ficou aqui. Eu fiz companhia.

O que acontecera? A moça acompanhou Mário ao quarto de Nádia mas não entrou.

Nádia estava deitada sobre as cobertas. Riu para ele.

— Telefonamos várias vezes a você.

— Saí a tarde toda. Estive com o doutor Nestor.

— Ele lhe deu esperanças?

— Eu o despedi. Não é mais nosso advogado.

— Fez péssima defesa, mas o que aconteceu?

— Eu dei uma espremida e confessou ter certeza de que meu pai matou Rico. Um advogado que não acredita no seu cliente não pode defendê-lo. Acho que agi bem.

— Muito bem.

— Está adoentada?

— Nervos. Ontem me aconteceu uma coisa muito desagradável. Senti medo, muito medo...

— Algum problema na agência?

— Não, Mário. Acho que tentaram me matar.

— O quê?

— Sim, tentaram me matar.

— Quando isso?

— Ontem à noite. Às vezes me bate a solidão, saio e pego a última sessão de cinema. Faço isso freqüentemente. Ontem havia poucas pessoas na sala do shopping. Prefiro assim, sessões lotadas me tiram a concentração. Sempre tem muita gente tossindo ou falando em voz alta. O filme terminou tarde. Pelo elevador, desci ao estacionamento. É imenso, não? Passei por um carro e vi um homem dentro com a cabeça baixa. O meu estava estacionado bem mais longe. Antes que qualquer coisa acontecesse, senti medo. Entende isso? O medo vindo antes do... fato?

— Continue.

— Foi horrível. Meus passos soando na grande garagem vazia. Tive desejo de correr. Mas seria ridículo. Do que estaria fugindo? Tentava me controlar quando ouvi o ruído de motor de um carro. Olhei para trás e, apesar da pouca iluminação, tive a impressão de que se tratava daquele que eu vira. Continuei andando, andando, enquanto o carro, fazendo muito ruído e já com muita velocidade, vinha decididamente na minha direção. Esquivei até a parede, a ponto de sujar o vestido de tinta, mas o carro também correu junto a ela para atropelar-me. A intenção visível, Mário, era atropelar-me.

— Como você escapou?

— Vi uma larga coluna e corri gritando o mais alto que pude. Pelos movimentos do carro, me pareceu que ele tentaria nova investida, mas acenderam-se mais luzes e o carro disparou na direção da rampa de saída. Dois seguranças do shopping apareceram correndo. Foi com a ajuda deles que cheguei até meu carro. Cheguei aqui tremendo. Não fui trabalhar hoje. Dóris, que mora aqui no prédio e está em férias, tem me feito companhia. Espero estar melhor amanhã.

— Estranho, vi um motorista de cabeça baixa, suspeito, na madrugada que fui pela primeira vez ao Dinossauro.

— Você me disse, lembro. Acha que se tratava do mesmo motorista?

— Nádia, acho que tentaram matá-la. E a mim também, se tivesse havido oportunidade naquela madrugada.

— Gente que sabe das nossas investigações, Mário.

— E que tem medo de nós porque estamos próximos. Isso é ótimo.

— Ótimo?

— Não trabalhamos em vão, Nádia. O tal homem está se arriscando, perdendo a cabeça. É melhor também porque isso tudo me livrou de um pensamento feio. — Confessou dolorosamente: — Quase Consuelo e Nestor me fazem aceitar a hipótese de que papai... Até nisso pensei, que ele teria matado Rico realmente. Nem a imprensa toda do país conseguiu me convencer disso. A não ser que ele tenha matado Rico em estado hipnótico.

Dóris entrou com refrigerantes.

— Você já está mais coradinha.

— Precisava muito conversar com Mário.

— Ele é que ficou pálido.

— Devo estar mesmo.

— Nádia foi salva pelo seu anjo da guarda — disse Dóris. — E eu sou das que acreditam em anjos.

— Por falar nisso — lembrou Mário, há uma pessoa que se prontificou a ser nosso guarda-costas. Disse ter tempo sobrando e pode dedicá-lo todo a nós.

— Quem?

— Um anjo de quase dois metros de altura.

— Roque Elias? Coitado, não quero abusar da bondade dele.

— Mas ele se sentiria imensamente feliz. Poderia dirigir seu carro, nos acompanhar nos lances mais arriscados, dar cobertura sempre que fosse preciso. E parece cansado de ficar na sua loja.

— Aceite — aconselhou Dóris. — Depois do que aconteceu ontem...

— Está certo — concordou Nádia. — Se ele quer mesmo cooperar, não devemos impedir. Afinal, ele é dos poucos que navegam no nosso barco.

DD começa a lembrar

No papo que teve com Nádia, apenas a parte referente a Consuelo provocou em Mário certa discordância. Nádia acreditava que ela usasse a filha para afastar o risco das investigações. Ela e Ramon podiam constituir uma dupla criminosa. O ex-bandoleiro estava bonzinho demais como cupido de salão dançante.

— Não se esqueça de que ela deu a lista, Nádia — defendeu-a Mário.

— Quem sabe com a intenção de jogar nossa atenção pra lá de Marrakech.

— Nesse caso, quem tentou atropelar você no estacionamento foi Ramon?

— Ou alguém a mando do casal.

Quando Mário se retirava, Nádia advertiu-o:

— Cuidado, Mário. Preocupa-me você sozinho no edifício.

— Tenho o Roque Elias ao lado.

No caminho de volta, dirigindo, Mário tinha a impressão de que sempre havia um carro seguindo o seu. Uma sensação profundamente desagradável. Chegou a dar voltas inúteis para se livrar de um Escort que o acompanhara por algum tempo. Quando o medo amainava, o pensamento fixava-se em Lupe. Seria para Mário grande golpe se a mãe dela estivesse envolvida na morte de Rico. Mas Consuelo arriscaria sua liberdade tendo uma filha que dependia totalmente dela?

Assim que entrou no apartamento, tocaram a campainha. Era Roque Elias.

— Ainda bem que chegou — disse aliviado.

— Por quê, Elias?

O vizinho entrou com um ar pesado.

— Eu estava aí no Bar do Mais Um quando vi você sair com o carro. Havia um Opala parado com um cara esquisito dentro. Assim que ele viu você, arrancou precipitadamente. Quase bate noutro. Saí à rua com um sanduíche na mão para tentar gravar os números da chapa. Não cheguei a tempo. Felizmente vejo que não lhe aconteceu nada.

— A mim não — respondeu Mário. — Mas a Nádia, sim. Ontem à noite no estacionamento de um shopping. Ela saía do cinema quando tentaram atropelá-la.

— Ela observou alguma coisa?

— Parece que não.

— Como ela está?

— Abatida. Mas não vai desistir.

— Muito bem. Falou a ela da minha proposta?

— Ficou contente. Vou lhe dar o número de seu telefone.

— Serei o guarda-costas dela. E seu também.

— Obrigado, Elias.

— Vamos pegar esse homem.

O telefone tocou. Mário atendeu.

— Nádia!

— Acabo de receber um telefonema do Denis.

— Denis?

— Ele disse que se lembrou de alguma coisa sobre a pessoa que o levou ao terreiro na noite do crime.

— Disse o quê?

— Nada, mas me dirá pessoalmente se for vê-lo amanhã à tarde. Estava meio sedado.

— Nádia, falei com Elias, ele está aqui. Quer que ele nos leve? Não me parece nada perigoso ir ao sanatório, mas, se ele quiser, poderemos ir às três.

— Está livre amanhã às três? — perguntou Mário.

— Contem comigo.

Mário foi para a cama, cheio de esperanças. Do que Denis Durant teria se lembrado? Algo que ajudasse na revisão da sentença de seu pai? O telefone tocou outra vez.

— Telefonei só para lhe desejar um bom sono.

— Lupe! Isso que é surpresa.

— Ramon me deu seu telefone.

— Como ele sabia o número?

— Mário, descobri que sem você, o Dinossauro Azul fica intolerável. Aliás, tudo está me parecendo intolerável.

— Logo voltará ao internato.

— Quem disse que vou voltar ao internato? Arranjo um emprego e continuo os estudos aqui na cidade mesmo. Enquanto estiver lá, serei sempre menor de idade, sempre dependente. Detesto me sentir protegida demais. Isso me distancia do mundo.

— Você não está me parecendo a garota alegre dos calipsos e merengues. O que lhe aconteceu?

— Estou descobrindo que a vida não é apenas um grande baile. Ela prossegue além do Dinossauro Azul.

— Você está com um tom triste na voz. O que aconteceu?

— Soube de uma história muito dolorosa.

— Posso saber que história é?

— Sobre você.

— Sobre mim?

— Um garçom me contou. Depois Ramon confirmou.

— O que ele contou?

— Que você é filho único, sem mãe, e que seu pai está preso.

— Sabe por que ele está preso?

— Acusado de um crime.

— Que não cometeu.

— Mário, até chorei quando Ramon confirmou. Como deve sofrer, sozinho. Tem outros parentes?

— Nenhum parente e poucos amigos. Mas não se comova tanto com isso. Vou levando a vida. Sou jovem e tenho forças. Vou tirar tudo de letra. Logo começarei um bom trabalho numa agência de turismo.

— Pobre Mário. Ajuda saber que eu o amo?

— Fico até com pena dos rapazes que não estão no meu lugar. Você compensa tudo.

Ao desligar, Mário disse a si mesmo: ela sabe apenas de parte da história. Ignora que meu pai foi condenado por ter matado o padrasto dela. Se soubesse, a reação seria a mesma? E Ramon, por que ainda fazia o papel de cupido?

Surpresa na tarde

No dia seguinte, à tarde, Roque Elias levou Mário e Nádía ao sanatório. Ele dirigia com os olhos no retrovisor. Cismava com os carros que seguiam o seu. Diminuiu a marcha para que um velho Monza o ultrapassasse. Ao chegar à casa de recuperação, agindo como perfeito guarda-costas, decidiu:

— Vocês entram, eu fico observando.

Assim que os dois chegaram à portaria, foram recebidos pela assistente da primeira vez. Parecia perplexa.

— Sabem que o homem desapareceu!

— O quê? Mas ele me telefonou ontem e marcamos um encontro para hoje às três. Parecia até contente por ter se lembrado de algo que nos interessa.

— Hoje cedo telefonaram para cá procurando por ele. Não costumamos chamar os internados ao telefone para não receberem notícias perturbadoras. Mas o homem que ligou era tão gentil que não pude deixar de chamá-lo.

— E o que aconteceu depois?

— Ele voltou para o quarto. Mais tarde foi visto no jardim. Na hora de almoço não compareceu ao refeitório. Fomos procurá-lo no quarto. Não estava. Corremos todos os aposentos e enfermarias. Nada de Denis. Conversei com os funcionários todos. Ninguém o viu.

— E suas roupas?

— Estão no quarto.

— Ele não pode ter evaporado — disse Mário.

— Fugiu pulando o muro. Não é muito alto. Subindo numa árvore até que é fácil.

— Já fugiu alguma vez?

— Nos primeiros tempos, pela porta da frente, mas foi logo agarrado. Depois, nunca mais.

— Acha que o telefonema tem algo a ver com a fuga? — perguntou Nádía.

— Eu não sei, a pessoa parecia muito distinta.

— Precisamos descobrir para onde foi.

— Muitos fugitivos acabam voltando.

— Não podemos esperar — disse Mário. — Quem sabe até pela sua segurança. Denis estava tentando lembrar uma pessoa envolvida num crime de morte. Ele não teria anotado nada no seu quarto?

Foram os três ao quarto de Denis. A assistente pôs-se a mexer nos seus pertences. Roupas, cadernos musicais, recortes do noticiário de shows, objetos de uso pessoal e uma agenda.

— Posso ver essa agenda? — pediu Mário.

Quase todas as páginas em branco. Com destaque estava o telefone de Nádia e poucos outros.

— Podemos copiar esses números? — ela pediu.

— Podem.

Nádia sentou-se e copiou nomes e números da agência. Provavelmente endereços de músicos, pequenos empresários ou ainda de fornecedores de drogas.

— Vamos, Mário.

— Eu avisarei se houver alguma novidade — disse a assistente.

Fora do carro, diante do sanatório, Roque Elias olhava de todos os lados, muito atento. Levava muito a sério sua missão.

— Tudo em ordem? — perguntou.

— Não. O homem sumiu.

— Fugiu do sanatório?

— Agora temos de caçá-lo por aí — disse o rapaz, mostrando a agenda. — Precisamos pesquisar esses endereços. — Vamos para meu apartamento.

Pelo caminho, Mário e Nádia comentavam a estranha fuga. Se Dervis tinha algo grave a revelar, por que fugira? E quem seria o homem de voz educada que telefonara?

— Para mim — concluiu Mário — o homem apenas fez voz de cavalheiro para chamarem Denis ao telefone, contrariando o hábito do sanatório. Quando ele atendeu, ouviu uma ameaça aterrorizante, daí a fuga.

— Teria sido mera coincidência o fato de ter se lembrado ontem de alguma coisa importante?

— Gostaria de saber, Nádia. Mas diversos motivos teriam força para tirar Denis do sanatório. Digamos a proposta de um empresário.

— Que empresário se interessaria pelo esquecido band-leader internado num sanatório de drogados? — rebateu a moça.

— Ou um traficante de drogas — sugeriu Elias.

— Denis não tinha dinheiro para se envolver nesse mercado. — novamente rebateu Nádia.

— Acha que esses endereços trarão alguma pista? — perguntou Mário, angustiado.

— Espero que sim, pois, caso contrário, estaremos voltando ao marco zero.

A agenda e seus personagens

Nádia começou a ligar para os poucos na agenda. O primeiro da lista era de uma manicure. Atendera Denis anos e anos, mas há muito o perdera de vista.

— É verdade que desfez a banda e casou com uma Condessa na Noruega?

— Ouvi falar — disse a moça brincando.

— Em todo caso, se aparecer diga para ligar para Nádia.

O segundo número pertencia a um massagista. Já curara Denis de dores nas costas.

— Pelo que sei, foi atropelado por um trem em Melbourne, na Austrália. Um amigo meu que mora lá esteve no enterro.

Nádia até riu.

— Vejam o que acontece com pessoas que desaparecem de circulação por algum tempo. Inventam-se tudo sobre elas.

O terceiro número telefônico era de uma moça chamada Bárbara, grande amiga de Denis no passado.

— Ele me ligava de mês em mês. Só para chorar. Nem adiantava tentar consolá-lo. Depois de muito chorar, desligava.

— Sabe que fugiu do sanatório?

— Como? Ele não tinha para onde ir.

Duas outras pessoas tiveram a mesma reação. Ignoravam a fuga e nem podiam imaginar o paradeiro que Denis tomara.

Mário e Elias mostraram-se desanimados.

Nádia ligou para um número cujo prefixo indicava região distante da cidade. Quem atendeu disse:

— Clube 15, zeladoria.

— Esse não é um velho clube da zona norte?

— Quase posso dizer que era. Estamos às moscas. Quase fechando.

— Lamento. O clube teve fama no passado, não?

— Muita. Demos grandes festas.

— Eu estou telefonando à procura de uma pessoa. Não sei se conhece. Denis Durant.

— Como?

— Denis Durant.

— Qual é o seu nome?

— Nádia.

— Um momento.

Depois de uma longa pausa, a voz voltou.

— A senhora que esteve com um rapaz no sanatório?

— Sim, fui eu.

— Como o descobriu aqui?

— Ele esqueceu sua agenda.

— Aguarde mais um pouco.

— Nova pausa, mais breve.

— Denis está muito excitado e com muito medo de tudo.

— Ele tinha algo muito importante a me contar — insistiu Nádia.

— Tinha, mas agora não está nada bem. Hoje é sexta, venham segunda. Pode ser?

— Iremos segunda, sim. Me dê o endereço.

Ele passou o endereço e acrescentou:

— Meu nome é Limeira, sou zelador e responsável por tudo aqui. Um velho amigo de Denis.

Ao desligar, Nádia sorriu.

— Encontramos. Num clube da Marginal onde deve ter tocado muitas vezes. É amigo do zelador. Até que foi fácil, não?

— Estou ansioso para saber o que tinha a dizer. Vamos sofrer até segunda-feira — disse Elias.

— Descanso para a companhia! — brincou Mário.

— Ainda bem, tenho que bolar uma campanha publicitária neste fim de semana. Passarei dois dias no computador.

— Vou visitar Miro. Estou com saudade — disse Elias.

Mário não disse o que pretendia fazer no sábado: esbaldar-se no Dinossauro Azul com Lupe. Se revelasse, teria de ouvir de Nádia advertências referentes aos dois suspeitos: Consuelo e Ramon.

A noite da decisão

A noite de sexta Mário passou papeando com Elias que, otimista demais, acreditava que a solução do enigma estivesse no fim. Denis Durant daria a grande dica. Mário não se entusiasmava tanto. A justiça é tão lenta que, mesmo depois de provada a inocência de seu pai, ele teria de sofrer no presídio por algum tempo. Mas tinha boas esperanças.

À tarde aconteceu para Mário uma coisa inesperada. Precisou ir ao shopping. Quando passava pela lanchonete, distraído, quase se choca com... Gilda. Por um instante ficaram parados, um olhando para o outro como se vissem um fantasma. Ele que tomou a iniciativa de seguir em frente. Não olhou para trás. Nem sentiu vontade de olhar. Imaginava que um encontro assim pudesse abalá-lo. E que diria: Gilda, como vai? Fizera bem em permanecer calado. Feliz. Estava tudo bem com seu sistema nervoso. Foi andando com naturalidade. Estou curado dessa paixão, constatou. Lupe ocupou inteiramente o lugar dela em seu coração. Agora não cabe outra, nem recordações. Saiu do shopping satisfeito por ter quase esbarrado na ex-namorada e continuado inteiro.

Muito antes de seguir para o Dinossauro Azul, Mário já se arrumava frente ao espelho. Lupe viera salvá-lo de cair na mais profunda tristeza. Temia, porém, que, sabendo de toda a verdade, ela se afastasse. Depois de conhecê-la, não agüentaria mais ficar sozinho novamente.

Teve dificuldade em estacionar o carro nas proximidades do Dinossauro. Sábado era dia de casa cheia. Mário foi entrando, já ouvindo aqueles ritmos frenéticos. Tocavam uma salsa. Não procurou uma mesa; encostou-se a uma coluna. Um sorriso ambulante de um palmo aproximou-se dele. Ramon.

— Olá, Marinho! Gosta do Dinossauro?

— Gosto, isto é uma festa.

— Os rapazes de sua idade preferem onde se dance rock. Criamos uma opção.

Mário percebeu que ele queria conversar, com alguma intenção, talvez. Chutou essa bola.

— Depois de passar as férias aqui, Lupe voltará para o colégio?

— Não creio — disse Ramon, sorrindo. — Ainda mais tendo ela um namorado.

O camarada insistia em lhe ser simpático.

— Consuelo não está muito favorável.

— Mas poderá mudar de idéia. Ela gosta de você.

Já que o assunto se delineava, Mário prosseguiu:

— Acredito. Mas há aquele caso, você sabe.

— Ora, não foi você quem matou aquele malandro. E talvez nem seu pai. Isso não pode atrapalhar.

— Lupe já está a par de tudo?

— Que seu pai está preso por isso, não.

— Mas precisa saber.

— Precisa.

— Sempre tenho a impressão de a estar enganando.

— Então, conte você.

— Creio que cabe a mim. Mas tenho medo.

— Eu também teria. Vou avisar Lupe que chegou.

Quando ele se afastou, Mário pensou mil coisas. Será que matou Rico e quer me fazer favores para compensar o sofrimento da condenação de meu pai? Facilita meu namoro com Lupe por remorso? E, se matou Rico, com certeza por estar apaixonado por Consuelo, ela ignoraria isso ou seria sua comparsa? Mas nenhuma dessas triangulações explicava o cadáver de Rico no porta-malas do carro de seu pai.

— Mário!

Era ela com os braços abertos, sorriso molhado e uma flor nos cabelos.

— Lupe, você está linda!

— O que você tem feito?

— Tenho me preparado para assumir meu emprego. Mas, antes de mais nada, vamos dançar. Li em algum lugar que o Dinossauro Azul parece o cenário dos filmes musicais do passado.

Mário já se adaptava aos ritmos latino-americanos, dançando com a desenvoltura que o sorriso de Lupe aprovava. Já não precisava prestar atenção ao compasso, soltava-se. Ramon, quando passava com seu sobretudo, batia palmas.

— Ramon gosta de nos ver dançar — disse o rapaz. — Devemos muito a ele.

Aquela noite, Consuelo apareceu para cantar. Lupe e Mário sentaram-se para ouvi-la. Notava-se que tinha muitos admiradores no salão, principalmente entre os mais idosos.

— Seu pai era músico, não? — lembrou Mário.

— Era e lembro bem dele. Morreu num desastre. Mamãe o amava.

— Depois ela casou com Rico, o que foi assassinado?

— Não, casou com outro, um chato, quando ela me mandou para o internato. Ele torturava tanto minha mãe com seu ciúme que ela teve de fugir. Depois, sim, conheceu Rico. Sua segunda paixão.

— E Ramon nisso?

— Era um admirador dela como cantora. Mas de Rico nem tanto.

Enquanto cantava, Consuelo por diversas vezes olhou para eles e sorriu. Mário sentiu-a mais cordata. Teria chegado o momento de contar tudo a Lupe?

— Vamos dançar mais — ele propôs.

Parecia necessitar da força daqueles sons para eliminar a última barreira que o separava de Lupe.

Quase no final da noite, ela observou:

— Você se divertiu, mas ainda está preocupado.

— É verdade. Mexicanos têm olhos agudos.

— Posso saber o motivo?

Era uma pergunta frontal. Chegara o momento.

— O motivo sua mãe e Ramon sabem qual é.

Lupe abraçou-o:

— E eu não posso saber?

— Pode, sim. Se não disse antes foi porque me faltou coragem.

— Seja o que for, sou eu agora que tenho medo de ouvir.

— Posso adiar para nosso próximo encontro.

— Exijo que seja já.

Mário respirou fundo. Palavras agora teriam o peso de pedras.

— Sabe que meu pai está preso, não?

— Isso sei.

— Por matar um homem.

— Também me disse isso. Foi condenado injustamente na opinião de muitos.

— Sabe quem ele foi acusado de matar?

— Não.

Olhos nos olhos.

— Rico. Seu padrasto Rico.

Lupe ficou paralisada. A vida lhe preparava as primeiras surpresas. Aquela, num momento de muita alegria, no meio da grande festa que o Dinossauro era aos sábados.

— Você acha que não foi ele, que não foi seu pai?

— Venho me esforçando para demonstrar sua inocência. Eu, Nádia, noiva dele, e um vizinho.

A confissão seria o fim de tudo? Por que ela não dizia mais nada, por que não se afastava, tomando uma resolução? Lupe moveu lentamente os braços. O rosto era novamente de uma garota feliz. Abraçou-o.

— Vamos dançar mais um pouquinho?

O que aconteceu no Clube 15

Na manhã de segunda, no carro de Elias, os três dirigiram-se à Marginal. Ele, na véspera, visitara Miro.

— Deixei-o mais animado. Mandou lembranças.

— Falou de nossas investigações? — perguntou Mário.

— Falei, mas Miro não é muito otimista quanto aos resultados. Confia mais no acaso. Que um dia o criminoso cometa algum erro revelador ou resolva confessar. A crônica policial está cheia de casos assim.

— Mas não podemos esperar pelas intervenções da Providência — disse Nádia. — Temos de investigar até a última hipótese.

— Tenho esperanças que Denis nos ponha numa pista. Deve ter se lembrado de alguma coisa muito importante. E sobre a noite em que viu Rico, com sua capa preta — comentou Mário.

Elias teve de parar o carro e fazer perguntas para localizar o clube. Finalmente viram na Marginal um casarão com um enorme número 15 na fachada. Aproximaram-se. Havia um pequeno grupo de pessoas ao portão. Elias estacionou o carro. A chegada dos três despertou curiosidade.

Uma das pessoas perguntou:

— Vocês são da Polícia Técnica?

— Nós, por quê? — admirou-se Elias.

— É que estamos esperando a Técnica.

Um homem baixinho de cabelos brancos aproximou-se.

— Eu sou o Limeira — apresentou-se. — Sabem o que houve?

— O que houve? — perguntou Nádia.

— Denis. Encontrei-o hoje cedo com um belo corte no pescoço. Já estava morto.

— Não é possível! — exclamou Elias.

— Deve ter acontecido durante a noite. Nem ouvi nada.

— O corpo ainda está aí? — perguntou Mário, lívido.

— Está. Querem ver?

— Do que adiantaria? — lamentou Nádia.

— Deixem, eu vou — disse Elias.

Nádia e Mário ficaram sem palavras.

— Descobriram ele aqui — disse Mário.

— O criminoso chegou antes.

— Isto aqui até que é um belo esconderijo. Um clube quase abandonado na Marginal. Será que Limeira deu com a língua nos dentes?

Elias vinha voltando às pressas.

— Meu Deus, que horrível! Não vão lá, por favor. Tomei um gole de água, se não desmaiava. Sou fraco demais para essas coisas.

Mário foi procurar Limeira.

— O senhor contou para alguém que Denis estava aqui?

— Ele pediu pelo amor de Deus que não contasse.

— Alguém o viu aqui?

— Só uma faxineira. Ele permaneceu no quarto o tempo todo.

— Como ele estava?

— Muito agitado. Aconselhei que voltasse ao hospital. Não poderia cuidar dele aqui. Ele disse que vocês talvez arranjassem outro lugar para se esconder.

Nádia e Elias aproximavam-se.

— Denis contou o que acontecia com ele? — perguntou Nádia.

— Que alguém o perseguia. Só. Nada mais.

— Estamos outra vez sem pista nenhuma — disse Mário com raiva.

— A polícia concluiu alguma coisa? — perguntou Elias.

— Esta é uma zona de muitos assaltos. Ladrões já entraram aqui.

— Desapareceu alguma coisa? — quis saber Elias.

— Desapareceu.

— O quê?

— Um saxofone.

— Estava no quarto de Denis? — perguntou Nádia.

— Denis viu o saxofone em nosso palquinho e levou para o quarto. Ainda o ouvi tocar uma música bem tarde da noite. Um blues que ele gostava muito.

— Acha que mataram para roubar? — perguntou Elias.

— A polícia vai concluir que sim — garantiu Limeira.

— Disse à polícia que ele se sentia perseguido?

— Sim, mas quando contei que estava fugido de uma casa de recuperação de drogados não deram muita importância.

Elias dirigiu-se aos dois.

— Será que foi obra de um ladrão?

— Eu não sei — disse Nádia.

Mário não queria aceitar a hipótese.

— Não acredito.

— O fato é que roubaram um saxofone — ponderou Elias. — Um assassino determinado faria isso? Faria?

Mário não soube responder.

— Creio que não — admitiu Nádia. — Um saxofone é um trambolho. Ele não ia querer carregar o instrumento por aí.

Mário ficou quase convencido.

— Desse mato não vai sair nenhum coelho — disse. — Vamos embora.

— Haveria mais alguma coisa a perguntar a Limeira?

— Da minha parte, não — respondeu o rapaz a Nádia.

Silenciosos, com cara de derrotados, retornaram ao carro.

— Eu não vou desistir — disse Mário.

— Ninguém vai desistir — repisou Nádia.

— Claro que não — por sua vez confirmou Elias.

Os três, no entanto, não demonstravam ânimo algum naquele momento.

O saxofone molhado

Os jornais não deram muito destaque ao assassinato de Denis Durant no Clube 15, vítima de latrocínio. A televisão, porém, lembrou com cenas de arquivo o sucesso que DD alcançara como band-leader na década passada e sua rápida decadência devido ao uso de drogas. Sem dúvida seria um músico ainda de sucesso se não fosse o vício, afirmaram, em depoimento, alguns nomes do rock. Seu fim num clube falido, após a fuga de um sanatório para drogados, era lamentável.

Mário realmente caiu num grande desânimo. Somente a voz de Lupe pelo telefone animava-o um pouco. Pelo que dizia, toda feliz, a resistência de Consuelo parecia vencida. Também a mãe concordara que estudasse em São Paulo mesmo.

— Mas não quero abusar — disse ele. — Irei ver você apenas duas vezes por semana.

— Ah, sabia que Ramon conheceu seu pai?

— Não sabia.

Ele me disse que seu pai era muito legal e que não matou Rico. Deve ter sido vítima de uma armação.

— Mas o que preciso saber é que armação foi essa e quem a preparou.

Ao desligar, Mário pensou: como Ramon pode afirmar que meu pai foi vítima de armação? Já desconfio da simpatia que eu, e agora meu pai também, lhe inspiramos. Acho que devíamos investigar a vida desse homem.

Três dias depois da ida ao Clube 15, Mário recebeu um telefonema. Era Nádia.

— Sabe da última?

— Diga.

— Um menino, lá na Marginal, foi preso com um saxofone.

— Foi ele que matou Denis Durant?

— O garoto tem 10 anos de idade e nunca se meteu em nada. Está detido numa delegacia de menores. Vou até lá.

— Você vai?

— Você nem precisa se incomodar. Vou com um diretor da agência muito interessado na questão do menor em São Paulo e que conhece todas as autoridades da área.

— Quando posso saber do resultado?

— Apareça no meu apartamento à noite.

Mário, no fim da tarde, teve um contato com o pessoal de turismo com o qual trabalharia a partir do mês seguinte. Estava tudo acertado. O salário seria pequeno, mas daria para manter-se. O fato de conhecer inglês, e de ser capaz de enfrentar uma redação, iria ajudá-lo. Enquanto conversava, não conseguia esquecer a notícia do dia. Se a morte de Denis fora mesmo um caso de latrocínio, daria para pensar que ele fugira do sanatório apenas por imaginar-se perseguido. Alucinação de drogado.

Nádia mesma abriu a porta do apartamento.

— Comeu alguma coisa?

— Não estou com fome.

— Vamos para a cozinha. Comprei uns congelados.

Ao ver Nádia preparando a refeição, Mário acabou aceitando um prato.

— Esteve na tal delegacia de menores?

— Licínio me levou. Vi o garoto.

— Viu?

— Uma gracinha.

— O garoto homicida é uma gracinha?

— Ele não matou ninguém. Costuma brincar todas as manhãs num matagal ao lado dum córrego. Ontem viu algo brilhante no fundo do córrego. Entrou na água até a cintura, retirou o saxofone e saiu com ele tranqüilamente pela Marginal. Logo depois foi visto por uma viatura e detido. Sua mãe já o levou para casa.

— Será que está pensando o mesmo que eu? — perguntou Mário.

— Provavelmente.

— O assassino de Denis levou o saxofone para fingir que o motivo do crime fora o roubo. Assim que saiu do Clube 15 tratou de se livrar do instrumento. Lá estava um riozinho dando sopa. Plaaaf!

— Então DD não fora vítima de nenhuma alucinação! Fugia de uma pessoa de carne e osso! Alguém que telefonara para o sanatório.

— Talvez — prosseguiu Nádia — essa pessoa o tivesse seguido desde a fuga do sanatório. Ela não poderia adivinhar que rumo Denis tomaria.

Mário não aceitou logo a hipótese.

— Não posso imaginar alguém esperando pelo outro, tendo sua fuga como certa. Quem foge não avisa ninguém, muito menos seu caçador. Estou certo ou errado, madraستا?

— Acho que está certo. Mas então, como o criminoso o encontrou no Clube 15, que Denis devia julgar o melhor refúgio do mundo?

— Não sei.

— Este caso é complicado demais para minha cabeça!

— Ou é tão simples, tão na cara, que a gente não vê a solução, passa por ela, atravessa-a com o olhar.

— Acha isso?

— Às vezes é assim. Procura-se no escuro o que está no claro e bem visível.

— Enquanto isso, Miro, atrás das grades... — começou e terminou de dizer Nádia, sacudida por um acesso de choro.

— Se você chorar vou embora já — ameaçou Mário.

Ela limpou as lágrimas com guardanapo de papel.

— Já superei mais essa. O que dizia sobre enigmas que estão na linha dos olhos e que a gente não vê?

— Palavras, Nádia.

— Você não vislumbra nenhum caminho novo?

— Nenhum caminho novo.

— A polícia está procurando o assassino de Denis?

— Deve estar. Mas esse homem é esperto demais, esperto demais...

A verdade diante dos olhos

Mario voltava para casa, dirigindo o carro, pensando no sentido das palavras que dissera a Nádía. O caso do romance Dom Casmurro, de Machado de Assis, exemplificava bem. Cansara de procurá-lo na biblioteca de seu pai. Todos os dias dedicava um tempinho para procurar o livro. Chegou a afirmar que fora roubado e a desconfiar de algumas pessoas. No entanto, um dia, ao olhar distraído para uma estante, lá estava ele, bem exposto, na altura do seu nariz, o título bem visível na lombada. Por que não o vira antes? Envergonhou-se das suspeitas.

Entrou no apartamento e jogou-se vestido na cama.

— O que é que está diante dos meus olhos?

Tocaram a campainha.

Roque Elias espantado.

— Vi na televisão que Denis foi assassinado por um menino que roubou um saxofone.

— Notícia velha — disse Mário fazendo Elias entrar.

— Velha?

— O menino apenas achou o saxofone.

— Achou?

— Num riacho próximo. Ele tem 10 anos. Não teve nada a ver.

— Como sabe?

— Nádía esteve numa delegacia do menor levada por um amigo dela. Não foi latrocínio. O menino já foi liberado, Elias.

— Esquisito.

— Nem tanto. Está provado que não foi latrocínio. O criminoso foi ao Clube 15 para matar mesmo Denis. Se tínhamos alguma desconfiança de que meu pai matara Rico, agora acabou. Papai é inocente.

Elias abraçou Mário.

— Sempre acreditei nisso.

— Aceita uma cerveja?

Mário sabia que Elias gostava de beber um pouco e sempre tinha uma cerveja sobrando.

— Quais são os planos agora?

— Precisamos rever tudo. Às vezes a gente é que complica. Entende?

— Não, Mário. O que está querendo dizer?

— A solução do enigma pode estar aí, à nossa frente. Qualquer idiota pode vê-la. Menos as pessoas diretamente envolvidas.

Contou a história do romance que julgara roubado.

— E quem está diante de seus olhos?

O telefone tocou.

— Quem é?

— Ramon.

— Ah, você, Ramon! O que deseja?

— Gostaria que viesse até aqui hoje, pode?

— A que horas?

— A qualquer hora. Mesmo à tarde. Não vou tomar muito seu tempo. Posso esperar você?

— Pode.

Mário desligou o aparelho.

— Esse telefonema parece que o perturbou.

— Era Ramon.

— Quem é Ramon?

— Sócio de Consuelo num tal Dinossauro Azul e provavelmente seu novo marido. Consuelo sabe quem é, não?

— A mulher de Rico.

Mário fez uma interrupção.

— Ele quer que eu vá vê-lo.

— Você vai?

— Vou.

— Não é perigoso?

— Se eu demorar, sabe onde estou.

— Eu poderia ir junto, mas, com alguém perto, ele não dirá o que tem a dizer.

— É verdade.

— Você vai em seu carro e eu vou atrás.

— Combinado.

A sós na tarde com Ramon

Mário ia dirigindo seu carro. Pelo retrovisor via o de Elias, o que lhe dava segurança. O que o gentil Ramon desejava? Lupe sabia que estava a caminho do Dinossauro? O encontro amedrontava-o um pouco. Mas o que Ramon poderia fazer-lhe? Além do mais, não pedira sigilo para a visita e nem mesmo que fosse sozinho. Nem marcara rigorosamente um horário. Uma pessoa que intencionava matá-lo agiria assim? Encostou o carro. Elias estacionou o seu pouco além. Mário fez-lhe sinal e saiu. Ao aproximar-se da porta do Dinossauro teve medo outra vez. Estava escancarada. Faxineiros varriam. As cadeiras estavam sobre as mesas. Sentiu forte odor de desinfetante. Parecia dia de limpeza geral. Foi entrando para o interior. Viu Ramon vestindo um macacão. Participava da faxina.

— Olá!

— Lupe está?

— Saiu com a mãe. Melhor, podemos conversar mais à vontade. Venha.

Entraram no apartamento. Talvez eu esteja me metendo na boca do leão, pensou Mário. Foi direto:

— Você tem alguma coisa importante para me dizer?

— Mário, quero que acredite piamente em mim. Somos amigos, não? No futuro seremos parentes. Lupe adora você. Posso fumar? Estou nervoso. O cheiro desse charuto é ainda pior que do desinfetante. Lupe não suporta.

— Acendeu-o gastando alguns fósforos. De repente anunciou:

— O assunto é sobre Rico. Eu o odiava, nunca escondi isso. Sabe por que odiava ele?

— Por causa de Consuelo, suponho.

— Verdade — confirmou com acentuado sotaque castelhano. — Porque eu amava Consuelo. Como ainda amo. Mas também porque sabia de suas trapaças. Um trambiqueiro! Seu pai foi apenas uma vítima a mais. Ele iludia as pessoas e depois as prejudicava. Seu Deus era o dinheiro.

— Odiava a ponto de desejar sua morte?

— Sim, queria que um caminhão o atropelasse. Mas não o matei. Você, que está investigando, e que namora minha enteada, precisa saber e ter certeza de que não matei aquele verme.

Abriu uma estreita gaveta, da qual retirou um envelope.

— E posso provar, amigo. Lembra da data do crime?

Eram passagens de avião e recibos que Mário manuseou.

— Lembro.

— Eu estava no México. Passei três meses lá, vendendo uma propriedade para abrir o Dinossauro. Recibos do hotel e de hospital. Quebrei um braço assistindo a uma partida de futebol. Quando mataram o verme eu estava em Guadalajara e com o braço direito quebrado. Veja isto. Só voltei um mês depois.

Mostrou uma foto dele entre amigos com o braço engessado.

— Por que me mostra isso. Ramon?

— Porque, embora a polícia não me tenha aborrecido, a seu ver posso ser um suspeito, porque odiava Rico. Mas não quero que me veja assim. Quero que acredite em mim e que me veja como amigo.

Mário lançou novo olhar às passagens e aos recibos.

— Costuma guardar passagens usadas? — perguntou, supondo embaraçá-lo.

Ramon retirou uma caixa de sapatos de um móvel baixo. Estava cheia até em cima de passagens velhas.

— Guardo passagens de avião e recibos de hotéis desde que voei pela primeira vez. É a melhor forma de lembrar acontecimentos, pedaços de vida. Mania de alguém que sonhou conhecer o mundo. Se um dia a polícia bater aqui, mostro tudo isso. Quer levar as passagens e os recibos para examinar minuciosamente?

Mário levantou-se.

— Não sou da polícia. Já vou indo.

— Se quisesse levar, não me ofenderia.

— Não é necessário.

Ramon o acompanhou até a porta.

— Vai dizer a Consuelo e Lupe que vim?

— Consuelo que me aconselhou a chamar você e mostrar as passagens e os recibos. Acha que não deve ter a menor dúvida a meu respeito.

Antes de sair, Mário lembrou:

— Diga a Consuelo que Denis, o DD, fugiu do sanatório e foi assassinado dois dias depois. Acredito que pelo mesmo homem que matou Rico. Conheceu Denis Durant?

— Conheci quando estava no auge. Por que diz que foi morto por quem matou Rico? Qual é a ligação?

— Depois de minha visita e de Nádia ao sanatório, Denis telefonou dizendo que lembrara algo importante relacionado ao assassinato de Rico. Quando voltamos não estava mais lá. Tinha fugido após receber um telefonema. Pela sua agenda o localizamos num tal Clube 15. Ao chegarmos estava morto.

— Então o homem está à solta.

— Está e seguindo meus passos e os de Nádia. — Por que não pede proteção da polícia? — Já tenho um guarda-costas. Adios, Ramon. — Adios.

Vamos dar um tempo

Assim que pôs os pés na rua, Mário viu o imenso Elias inquieto. Aproximou-se às pressas.

— Se demorasse mais um minuto eu entrava.

— Calma, Elias, não aconteceu nada.

— Calma? Eu estava contando os segundos.

— Tudo bem, vamos.

— Para onde?

— Fiquei de encontrar Nádia no Cuca Legal, um bar. Eu vou na frente.

— Mas não lhe aconteceu nada?

— Estou inteiro, não está vendo?

Enquanto dirigia, Mário lembrava o encontro com Ramon. Ficara quase convencido de que Ramon era inocente. Ele não iria falsificar aquelas passagens. Nem os recibos de estada em hotéis e hospital. Com alguns telefonemas, a mentira seria desmascarada. Depois, para quem sabe observar a galeria de tipos humanos, ele podia ter pinta de briguento, impulsivo, latino de sangue quente, mas de cínico, cara-de-pau, não. Alguém capaz de mandar dez para o hospital numa briga por motivo fútil, porém incapaz de planejar a morte de um mosquito.

Mário estacionou o carro perto do Cuca Legal. Nádia já o esperava. Contava-lhe o encontro com Ramon desde o chamado telefônico quando Elias chegou.

Nádia ainda não se convencia da inocência de Ramon.

— Alguma coisa me impede de acreditar totalmente.

— Espero que não seja nenhum preconceito. Ramon não é socialmente um tipo aceitável — disse Mário. — Acho que jamais usou uma gravata. É exatamente como lhe descrevi, um mexicano de filme norte-americano, sempre apresentado em trajes típicos, chapéu e gestos exagerados.

— O que ele apresenta em sua defesa? — perguntou Elias.

— Passagens aéreas. Estava no México quando mataram Rico. Mostra também recibo de hotéis e de um hospital. Quebrou um braço lá. Realmente não estava aqui na ocasião.

Houve uma longa pausa que Mário e Nádia preencheram com sorvete e Elias com conhaque.

— Este caso está ficando angustiante! — exclamou Nádía subitamente. — Parece que estamos sempre no mesmo lugar. Está virando pesadelo. Sinto uma espécie de febre.

— O único produto de nossas investigações foi o assassinato de Denis Durant — sentenciou Mário.

— É verdade. Sinto-me culpada.

— A culpa é de quem o matou, não nossa, Nádía.

— Estou precisando refrescar a cabeça. Vamos dar um tempo — sugeriu Nádía, evidenciando seu cansaço. — Emagreci três quilos.

— O que acha. Elias? — Vocês são o cérebro, eu sou apenas o guarda-costas — disse ele, modestamente.

— Tem razão. Nádía. Vamos dar um tempo — concordou Mário.

— Esqueçamos tudo por uma semana, dez dias, um mês... Estou estressada. Uma amiga me ofereceu seu apartamento numa praia perto do Guarujá. Alguns dias inteiramente sozinha. É do que estou precisando.

— Eu vou me preparar melhor para assumir o emprego. Vêm vindo outras preocupações — disse o rapaz.

— E quando voltarmos, talvez contratemos algum detetive particular. O que não temos é experiência — admitiu Nádía.

— Quem contrataremos? Sherlock Holmes. Philo Vance, Sam Spade, Adão Flores? — brincou Mário.

— O que cobrar mais barato.

— Então está decidido. Estamos em férias. Nunca se soube de detetives que tirassem férias no meio de um caso. De falta de originalidade não poderão nos culpar — garantiu Mário.

Riram, mas não estavam à vontade. Tinham uma tonelada de pedras na cabeça.

Noite de insônia e de revelações

Naquele sábado Mário foi ao Dinossauro Azul, dançou horas a fio com Lupe, deu-lhe o primeiro beijo em pleno tablado e voltou para o apartamento feliz. No domingo os dois foram ao cinema e ouviu dela que Consuelo e Ramon estavam muito contentes com o namoro. À saída lancharam e namoraram. Mário sentia-se um rapaz como qualquer outro e só pensava em se divertir. Na segunda-feira voltou à agência de turismo. Só começaria a trabalhar efetivamente dentro de uns dez dias, mas queria demonstrar interesse e já ir conhecendo os macetes da profissão. Gostou do que aprendeu e achou o turismo um tipo de atividade sensacional.

Era, porém, impossível esquecer totalmente o drama do pai e as investigações. À noite, principalmente, diante da televisão ou já na cama, relembrava os lances em que ele e Nádia haviam se envolvido. Via-se pela primeira vez no Dinossauro conversando com Consuelo e observando Ramon, que tanta desconfiança lhe inspirara. Depois a visita ao jornalista tetraplégico, a grande confusão no show dos aqualoucos, Maria Domênica no departamento de costura da televisão, Denis Durant no sanatório e, por fim, o assassinato.

Evitava concentrar-se no enigma, mas...

Bem, a morte do band-leader não fora latrocínio porque o assassino tentara livrar-se em seguida do saxofone. Alguém o matara para evitar que falasse. Falasse a quem? A ele e a Nádia. Logo, o criminoso os conhecia e estava bem a par de suas investigações.

Estou em férias, lembrou Mário. Deixemos esses pensamentos pra lá. Foi até a biblioteca. A programação da TV estava insuportável. Melhor ler um livro. Topou logo com o Dom Casmurro, a centímetros de seus olhos. Por que custara tanto a encontrá-lo? Porque ele estava fora da estante de clássicos nacionais. Apenas passava os olhos sobre a lombada mas não lia. Agira assim, superficialmente, durante as investigações? Apenas passando os olhos sobre os personagens daquela intrincada trama policial? Uma pergunta para repensar tudo: quem matara Rico pusera o cadáver no porta-malas de um carro qualquer, por acaso o de seu pai? Não. Seria coincidência demais. Miro e Rico se conheciam e viviam um conflito que era do conhecimento de muita gente. A briga fora até registrada na coluna de fofocas dos jornais! Conclusões óbvias, claríssimas: o criminoso usara o cadáver para incriminar Miro e afastar de si prováveis suspeitas.

Logo, ele era suspeitável, alguém que poderia entrar na mira da polícia assim que mexessem no caso. E só escaparia das investigações se alguém fosse imediatamente acusado do crime e de forma irrefutável.

Culpar Miro do assassinato fora algo tão premeditado como o próprio crime. Certo? Mário fez-se a pergunta, mas não respondeu. Ele e Nádía estavam descansando. Só voltariam às investigações com a cabeça mais arejada. Foi para a cama e apagou a luz. Dez minutos apenas de escuridão. Não conseguia dormir. Levantou.

Havia uma pergunta que cutucava. Miro deixava o carro no estacionamento do edifício onde trabalhava. Nunca na rua. Fora lá que haviam colocado o cadáver com a capa preta no porta-malas? Mário conhecia o estacionamento, bem vigiado e com espaço para poucos carros. Nos dez andares do prédio concentravam-se consultórios médicos, arquitetos e advogados. Cinco andares eram ocupados por uma empresa de embalagem norte-americana. Dava para imaginar uma pessoa estranha ao edifício entrando com um cadáver nas costas e abrindo um porta-malas? Para a polícia, o corpo fora alojado no porta-malas longe do centro e devido a uma emergência. Miro livrar-se-ia dele definitivamente no dia seguinte.

A pergunta ainda cutucava.

Partindo da certeza de que seu pai não matara Rico, onde seria o local mais provável para alguém colocar o cadáver no porta-malas? Com tempo para abrir o carro com um arame, destravar o porta-malas e transferir o corpo sem chamar a atenção. Onde? A resposta estava diante dos olhos. Como o livro que não conseguia encontrar. E, encontrada, mudava tudo.

Tomou água e depois andou pelo apartamento. Telefonou para Nádía. Precisava lhe comunicar sua nova teoria. Ninguém atendia. Com certeza teria já ido para a praia.

A morte chega antes

Na manhã seguinte, Mário tornou a ligar para o apartamento de Nádia e, como não atendessem, telefonou para a agência de publicidade. Ela deixara seu endereço do Guarujá com uma secretária, já incumbida de transmitir a ele. Discou imediatamente para o Guarujá. Azar. Nádia não estava.

Tocaram a campainha.

Decidiu não atender, por mais que insistissem. Não dormira à noite e não se sentia bem. Tomou diversas xícaras de café e depois telefonou para o Dinossauro.

Foi a própria Lupe quem atendeu. Na parte da manhã só se atendia no apartamento anexo.

— Pronto.

— É Lupe? Aqui é Mário. Chame sua mãe, por favor.

— O que foi, Mário? Está nervoso?

— Estou. Muito.

— O que aconteceu?

— Lupe, preciso falar com ela.

— Sobre aquilo... o crime?

— Chame sua mãe, por favor.

Consuelo acabara de se levantar. Quando soube que Mário estava ao telefone, levou um susto. Ramon, que ouvira o chamado, também se assustou. Foram para a sala onde estava a extensão telefônica e fecharam a porta.

O telefonema foi demorado. Os dois reapareceram preocupados. Lupe perguntou:

— O que Mário queria?

— Nada de importante.

— Mas ele estava com a voz trêmula.

— Nada de importante, já disse — repetiu Consuelo.

Lupe ficou amuada e trancou-se no seu quarto.

Mário tornou a telefonar para Nádia no Guarujá. Ninguém atendia. Tocaram outra vez a campainha. Não abriu a porta. Mais tarde, procurando não fazer ruído, pegou o elevador e desceu para a garagem. Evitou encontrar pessoas do edifício. Dirigiu-se com o carro para um posto

de gasolina e mandou encher o tanque. Teve a impressão de estar sendo observado, mas não olhou para os lados.

Quinze minutos depois já ganhava a estrada. Era agradável sentir o vento bater no rosto. Mas, ao contrário do que fazia nos trajetos mais longos, não quis ouvir nenhuma fita. Estava ansioso para contar a Nádia sua recente dedução, tão nervoso que tinha dificuldade em manter o carro no leito da estrada. Passou a dirigir com mais vagar e cuidado.

Com seu pai, fora muitas vezes ao Guarujá, mas aquela era a viagem mais longa. E o apartamento onde Nádia se hospedara era bem distante do centro. Teve alguma dificuldade em localizar o edifício. Afinal o encontrou, um prédio de três andares. O carro de Nádia estacionado diante dele. Apertou na rua o botão do interfone.

— Nádia?

— Mário, você! Que surpresa! Suba!

O edifício não tinha elevador e o apartamento era no segundo andar. Tal era seu estado emocional, em ebulição desde a véspera, que os dois lances de escadas o cansaram. Chegou com a língua de fora. Mas felizmente estava lá com sua querida madrastra.

Campainha. Nádia abriu a porta.

— Mário, veio tomar um banho de mar?

O rapaz entrou no apartamento.

— Sozinha?

— Sozinha.

— Estou exausto — largou-se num divã.

— Mário, você está só cansado ou também doente?

Ele a olhou como quem vai fazer uma revelação.

— Nádia, como detetives somos uns idiotas. Como fomos burros!

— O que está querendo dizer?

— Que estávamos perdidos, girando como pião! Só comecei a acertar quando reconhecemos que era preciso repensar tudo. Esses poucos dias de descanso me fizeram bem. Passei a ver tudo com clareza. Tirei uma venda dos olhos.

— Chegou a alguma conclusão?

— Nádia, para o criminoso, onde seria mais fácil colocar o cadáver no porta-malas? Onde? Pense. Meu pai não guarda carro a não ser em estacionamento. E no de sua firma, tão exposto e vigiado, seria impossível levar um cadáver para lá.

Nádia forçava para entender.

— Onde quer chegar?

— A operação só pode ter sido feita em nossa própria garagem. Por alguém que mora no prédio. Um vizinho.

— Mário, isso também é uma suposição, não?

— Mais que isso. Hoje conversei com Consuelo pelo telefone. Perguntei sobre seu segundo marido, que ela abandonou para viver com Rico. Um ciumento doentio que a prendia em casa. Sua descrição coincide com a aparência de uma pessoa que conhecemos.

Nádia fez um gesto confuso e disse:

— Depois a gente conversa.

Mário, estranhando a atitude dela e sua súbita palidez, olhou o cinzeiro e viu um cigarro esmagado.

— Voltou a fumar?

— Mário, um amigo nosso chegou antes de você e, quando chamou pelo interfone, ele se escondeu para lhe fazer uma surpresa.

O rapaz encolheu-se todo, premido pelo impacto.

Roque Elias surgiu numa das portas internas.

— Olá!

— Você, Roque!

Parecia ainda mais alto, sem curvar a coluna, como quando andava pelo edifício feito um pobre solitário.

— Dizia que suspeita agora de outra pessoa. Quem é e como chegou até ela? — perguntou Elias.

Mário, paralisado, ignorava se ele ouvira tudo que dissera a Nádia. O certo é que não conseguia falar.

— São vagas suspeitas — disse Nádia em socorro de Mário. — Mas deixemos esse assunto para depois de minha volta.

— Ouvi você dizer que quem colocou Rico no porta-malas mora no seu edifício. E não sou surdo.

— Há essa possibilidade — respondeu Mário.

— Disse também que Consuelo lhe descreveu seu segundo marido. Por acaso parece-se comigo?

O terror que desde o princípio se apossara de Mário já dominava Nádia também.

— Não — ele murmurou.

— Não é desse jeito que escapará, moleque — disse Roque como se revelasse seu verdadeiro tom de voz. — Vivi, sim, com Consuelo. Meu nome

nunca foi Roque Elias. Chamo-me Jamil Murad. Roque Elias inventei ao mudar-me para cá, vindo de uma falência. Quanto a ser ciumento doentio, anormal, não aceito isso — rebelou-se, erguendo a voz. — O que não admito é ser traído. Aquele homem repulsivo, Rico, fez até pilhérias a meu respeito. Só me cabia matá-lo, mas não queria passar o resto da vida na cadeia por causa dele. Meu prazer era visitar seu túmulo e rir.

O ódio foi mais forte que a intenção de simular.

— Por que fez meu pai pagar pelo crime?

— Uma vez vi Rico no edifício. Descobri que era sócio de seu pai. Fiz-me amigo de Miro para estar por perto. Soube depois, pelo jornal, que haviam tido uma briga feia. Decidi aproveitar a oportunidade.

— Onde o encontrou, foi mesmo num terreiro de magia negra? — perguntou Mário.

Roque Elias riu.

— Como vão morrer mesmo, contarei.

A ameaça fez Nádia aproximar-se da porta. Roque puxou um revólver.

— Sente, senhorita. E você, moleque, não se preocupe com minha segurança. Vim de ônibus. Para o zelador, estou doente, só saí para ir à farmácia. Quando telefonei para a agência, tive que usar de muita lábia para arrancar este endereço da secretária. Estranhei, hoje cedo, que não me abriu a porta, embora pelos ruídos constatei que estava no apartamento. Além do mais, como amigo de Consuelo, um dia descobriria que fui o segundo marido dela. Era questão de tempo. Eu tinha de agir.

Mário e Nádia estavam preocupados com suas vidas. Já não interessava saber como Roque Elias matara Rico. Mas ele, revelando uma mente deformada, sentia um prazer febril em contar detalhes. O segredo de tantas façanhas o incomodava.

— Além de mim, Rico tinha outro grande inimigo, o músico drogado que tive de matar. Denis Durant. Nunca fui da área profissional dele, mas ciente de que era uma vítima de Rico, aproximei-me. Denis me disse que freqüentava certo terreiro onde Rico também ia. Seu desejo era matá-lo, se tivesse coragem. Na segunda vez que o acompanhei, vi Rico à saída da sessão com uma capa preta. Eu o esfaqueei e joguei no porta-malas do meu carro. Na garagem, abri o carro de seu pai, o que sei fazer como ex-mecânico, e transferi o corpo. Depois telefonei à polícia.

Nádia não suportava mais a situação. Deu um passo na direção da porta.

— Fique onde está — ele ordenou.

— O que vai fazer? — ela perguntou.

— O que faria se estivesse no meu lugar?

Mário tentou ganhar tempo.

— Ouvirão os disparos. Você será preso.

— Quem disse que vou usar esse revólver? Sempre preferi arma de corte.

— Falei de você pra Consuelo — disse Mário.

— Ela já sabe que é meu vizinho.

Elias tirou um papel amassado do bolso, escrito com uma letra trêmula, quase ilegível.

— Leia.

O papel dizia: Foi Ramon. Assinado: Mário.

Nádia começou a chorar.

— Grite, Nádia, precisamos chamar os vizinhos — disse-lhe Mário, desesperado.

— Antes de subir apertei outros botões do interfone. Só no primeiro andar há um casal de velhinhos.

Nádia sabia que era verdade. Eram apartamentos para temporada, vagos a maior parte do ano. E há dias nada de calor.

O rapaz levantou-se.

Uma faca comprida e recurvada apareceu na mão de Elias. O revólver foi posto sobre uma mesa baixa.

— Primeiro as damas — disse Elias, dando um passo na direção de Nádia.

Mário, disposto a morrer lutando, berrou:

— Não vai ser fácil pra você.

Roque sorriu, mas não por muito tempo. Ouviram passos, muitos passos na escada. Gente vinha subindo ruidosamente, talvez por carregar malas pesadas, falando e rindo ao mesmo tempo num tom jovem de voz. Chegaram ao segundo andar e dirigiam-se ao terceiro, cantando e dizendo palavrões, como se imaginassem que o prédio estivesse deserto.

O criminoso, surpreendido pela farra dos inquilinos, que aumentava degrau a degrau, aproximou-se da porta com receio de perder o controle da situação.

Mário fez um breve sinal a Nádia que entendeu. Ambos se precipitaram por uma das duas portas internas, cuja chave o rapaz teve tempo de girar. Era um quarto com duas camas e guarda-roupa.

— Vamos empurrar o guarda-roupa — disse Mário, já se lançando à tarefa.

Num instante conseguiram empurrar o móvel. Não se sentiram seguros por muito tempo. Elias, com seus quase dois metros, forçava a porta com o ombro. Nádia foi à janela. O que viu foi um largo terreno baldio à sua frente. Começou a gritar na esperança de ser socorrida pelos recém-chegados do terceiro andar. O apartamento deles, porém, era de fundos. Já não os ouvia, o que fazia supor que também não estava sendo ouvida.

Mesmo sentindo que o ombro de Elias, como um aríete, ameaçava derrubar a porta, Mário correu também à janela. Um carro passava. Mário e Nádia acenaram para ele. Seus ocupantes acenaram também como se tratasse de brincadeira.

— Ele vai conseguir entrar — murmurou Nádia.

— Embaixo é a garagem. E se nos jogássemos?

— Quebraríamos a perna e ele nos mataria.

Mário reuniu todas as suas forças e concentrou-as no guarda-roupa. Nádia prosseguia à janela, gritando.

Subitamente o rapaz teve uma idéia que combinou com Nádia. Gritou:

— Salte, Nádia, salte.

E ela parou de gritar.

Houve um silêncio. Nádia aproximou-se cautelosamente da janela. Minutos depois acontecia o que esperavam. Elias aparecia na garagem, embaixo.

Mário e Nádia então, a toda pressa, desencostaram o guarda-roupa, passaram para a sala e fecharam a porta de entrada do apartamento no momento em que Elias retornava, subindo a escada de dois em dois degraus.

— Vamos telefonar para a polícia — disse Nádia.

Mário ergueu o fone. Inútil. Roque arrancara o fio e quebrara mesmo o aparelho.

Ouviram o aríete na porta mais espessa da entrada. Ela resistiria? Em caso positivo teria de espatifar a fechadura com um disparo de revólver. Seria ouvido pelos barulhentos do terceiro andar? A sede do terror. Foram à cozinha e beberam água. Nas gavetas, Nádia procurou facas. Morreriam tentando se defender. Mas eram facas comuns que de nada prestariam numa situação de perigo.

— Mário, a porta da sala vai ceder.

Chegava o momento das idéias desesperadas. Nádia pegou todos os pratos e copos da cozinha e atirou-os à garagem pela janela do quarto. O ruído que as quedas produziam talvez tivesse mais alcance que seus gritos, até então ineficientes. Atiraram um filtro, que explodiu no cimento do térreo, a pequena mesa da cozinha, meia dúzia de cadeiras, e todas as panelas. Havia quadros nas paredes, jogaram. E por fim o que havia de mais pesado, uma pequena geladeira.

— Mário, a porta!

Realmente ela cedia afinal aos golpes do gigante. Retornaram ao quarto, o último refúgio, levando um botijão de gás. Fecharam a porta e reencostaram o guarda-roupa. Logo se ouviu o forte estalido da porta de entrada e passos de Elias na sala.

Alguns minutos mais e o assassino conseguiria entrar no quarto e atacar Mário e Nádia.

— O que vai fazer com o botijão? — perguntou Nádia.

Ele abriu a válvula e jogou o botijão pela janela, vendo a garagem onde parecia ter havido um terremoto.

Elias voltou a forçar a porta do quarto, que já estava meio solta. Em poucos minutos ele estaria dentro e mataria os dois.

— Mário, vamos morrer — disse Nádia.

— Antes disso nos jogaremos pela janela.

Grudaram-se ao guarda-roupa, o derradeiro obstáculo. Ouviram a respiração entrecortada e forte de Elias, respiração de animal selvagem. Depois, a mão dele apareceu entre o batente e a porta já simplesmente encostada. Uma grande mão com talos vegetais. Mário golpeou-a com sua faca sem corte, obrigando-o a retirá-la.

— Doe, assassino? — perguntou.

— Vou cortar o pescoço de vocês dois, moleque — disse Elias com a boca no espaço entre a porta solta e o fundo do guarda-roupa.

Com força redobrada o aríete humano continuou seu trabalho. Conseguia empurrar o guarda-roupa. Mais meio palmo e conseguiria entrar no quarto.

Nádia foi à janela para atirar-se.

Viu na garagem o casal de velhos do primeiro andar e mais dois homens. Olhavam para cima e tapavam o nariz com a mão. Não os ruídos, mas o gás os havia atraído.

— O que está acontecendo? — perguntou um dos homens.

— Tem um criminoso armado aqui. O nome dele é Roque Elias. Está quase entrando. Chamem a polícia — gritou, rouca e enlouquecida.

— Nós somos a polícia — disse o homem lá debaixo. — Estamos indo.

Nádia juntou-se a Mário, no guarda-roupa, para impedir a invasão.

— Ouviu? — perguntou a moça. — Distraia-o.

Já se viam os cabelos de Elias no palmo de porta aberto.

— Vou lhe levar maçãs na cadeia — disse Mário, vendo o guarda-roupa centímetro a centímetro ser empurrado pela porta.

— Matei os dois e matarei vocês também.

— Você vai passar o resto de seus dias atrás das grades, Elias.

— Ainda banca o valente, moleque?

Roque fez um esforço máximo. Já quase dava para entrar no quarto. Nesse instante os dois policiais, pela porta arrebatada da sala, entraram. Exausto, suado, a roupa desfeita, Elias os encarou. Um deles segurava um revólver.

— Disse que matou dois, quem eram? — perguntou o outro.

— Ricardo Canavieira e Denis Durant — disse Mário de dentro do quarto, mas já passando para a sala.

— E tentou me atropelar — acrescentou Nádia.

Sob a mira do revólver, Elias nada dizia, apenas resfolegava. Tiraram-lhe o revólver e a lâmina. Ainda não se convencia do acontecido. Julgava-se capaz de iludir as pessoas permanentemente e devia orgulhar-se disso.

— Tenham cuidado com ele, é uma fera — advertiu Mário.

Apareceu à porta o casal de velhinhos.

Nádia os abraçou.

— O que chamou a atenção de vocês?

— O terrível cheiro de gás — informou o marido. — Depois vimos o rebu na garagem. Telefonamos para a delegacia, que é logo ali.

Elias, algemado, olhava para o chão, com vergonha de seu fracasso.

Foi saindo acompanhado pelos policiais e por Mário e Nádia. Vinham descendo dois farristas do terceiro andar com um cesto de garrafas vazias.

— Vocês não ouviram nossos gritos de socorro? — perguntou Mário.

— Socorro? Por que, aconteceu alguma coisa?

— Nada, nada.

— Esse homem está algemado?

— Apenas um adereço. Usa também brincos e colar.

— Legal.

Em seguida chegavam à delegacia. Mário e Nádia relataram ao delegado tudo o que acontecera. Ele lembrava-se bem do caso Rico e do assassinato de DD, músico muito conhecido no Guarujá. Elias ouviu tudo de cabeça caída. Nada negava, não se defendia. A delegacia central foi informada da prisão.

Naquela mesma noite, no presídio, Miro, pelo rádio, ficou sabendo do desfecho do enigma. Chorou de emoção, claro. No dia seguinte o caso estourou nos jornais e na televisão. Mário acordou com telefonemas alegres de Consuelo, Ramon e... Lupe. Doutor Nestor também ligou para reconhecer seu erro. Talvez pretendesse incumbir-se do processo de indenização que naturalmente Teodomiro moveria contra o Estado pela sua injusta prisão. Tratou-o com frieza.

Roque Elias, na realidade Jamil Murad, começou por contar que na mocidade matara um rival no amor e sumira. Ligou-se a Lígia muitos anos depois. Não suportando seu ciúme, ela fugiu com o alegre Ricardo Canavieira. Mais tarde, alugou um apartamento no mesmo edifício e andar onde moravam Miro e seu filho. Já usando o novo nome, devido ao fato de ter falido. Um dia viu o elegante Rico entrando com Miro. Fez ligeira amizade com o vizinho para colher informações sobre o homem. O ato do crime teve sua parcela de casualidade. Conheceu num boteco um molambo chamado Denis Durant que perdera tudo devido a um empresário chamado Rico. Imaginou-o um aliado na vingança. O fracasso levava Denis a freqüentar terreiros de macumba. Rico, com uma capa preta, também freqüentava. Elias acompanhou Durant até que chegou a oportunidade. Depois do crime, surgiu um imprevisto: como surgissem algumas pessoas nas proximidades, arremeteu o homem, talvez ainda vivo, no porta-malas de seu carro. Não viu mais Durant. Ocorreu-lhe depois que, como ex-marido ciumento de Lígia, não estava livre de suspeição. Só não seria acusado se prendessem outro em seu lugar. Viu o carro de Miro estacionado ao lado do seu. Abriu a porta com um arame, destravou o porta-malas e fez a transferência. Na manhã seguinte ligou para a polícia.

— Não senti remorsos do que aconteceu com seu amigo Miro? — perguntou o delegado que conduzia o processo.

— Não era meu amigo.

— Mesmo assim, nenhum remorso?

— O medo de que me descobrissem era maior. Bastaria Lígia saber que eu era vizinho de Miro para tirar conclusões. Maior risco correria no tribunal. Lígia não podia me ver por lá. Pretextei mil coisas para explicar minha ausência.

Em seguida Elias falou de Mário e de Nádia. Assustara-se ao saber que o rapaz namorava a filha de Lígia. Numa simples conversa seu nome poderia surgir. A menor associação seria fatal. Deu de seguir o rapaz. Ele parecia esperto. E a tal Nádia muito viva. Tentou atropelá-la. Obra de algum doido. Há milhares na cidade. Usou um carro alugado. Fracassou. Depois se ofereceu para ser guarda-costas dos dois.

— Liguei ao sanatório ameaçando Denis de morte. Queria que ele fugisse para não falar com Nádia e Mário. Localizado no Clube 15, desta vez cheguei primeiro. Ao me ver não esboçou a menor reação. Sei que você é alucinação, uma miragem, disse. Sou, sim, disse eu, não tenha medo, e o matei. Levei o saxofone.

Acreditava que Mário e Nádia acabariam concluindo que o criminoso estava perto, bem perto. O encontro do saxofone no fundo do riacho comprovava isso. Alguém sabia dos passos deles. Se cismassem de investigar quem fora o segundo marido de Lígia-Consuelo... Ficou desconfiadíssimo na manhã que, mesmo estando em casa, Mário não lhe abriu a porta. Telefonou para a agência onde Nádia trabalhava e soube que Mário já ligara. Adivinhou que ele a procuraria na praia. Viajou para o Guarujá onde Nádia ocupava um apartamento sozinha. A idéia era matá-la e esperar por Mário. Mas ele chegou logo em seguida, já certo de quem matara Rico e Denis.

— O resto vocês sabem.

O fim e novos começos

A burocracia irritante deste país deteve Teodomiro ainda uns dias na cadeia. Sua libertação foi o despertar de um pesadelo, mas não houve fogos de artifício. Houve, sim, um jantar, sabem onde? No Dinossauro Azul. Consuelo e Ramon sugeriram que fosse num dia em que a casa estivesse fechada, mas Miro e Nádia, em vez de uma reunião íntima, preferiram o sábado para que pudessem dançar até o amanhecer. Mereciam, lógico. Foi uma festa inesquecível. Claro que gostaram de Lupe, linda demais naquela noite. Miro beijou-a e chamou-a de minha nora.

A amiga de Nádia não quis aceitar um real pela destruição das portas e dos móveis do apartamento, mas Miro disse "nada disso" e pagou tudo, centavo por centavo.

Mário começou a trabalhar no turismo e logo provou que levava jeito para a profissão.

Miro foi para a publicidade com Nádia e ainda aquele ano se casaram.

Mário e Lupe eram jovens demais para casar. Tendo ela passado a estudar em São Paulo, os dois sempre juntos, o namoro deles ficou uma delícia.

— Tudo está tão bom — disse ele — que, se melhorar estraga. Lupe pensou um pouco e decidiu:

— Vou até rezar para que nada melhore. Deus, deixe as coisas como estão. Assim está ótimo!

E, rindo, concluiu:

— Duvido que alguém já tenha rezado para fazer um pedido assim.

FIM